



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

A COZINHA COMO LUGAR FUNDAMENTAL DA CASA URBANA CONTEMPORÂNEA

Habitação colectiva no contexto da reintegração do Convento de Santo António dos Capuchos na cidade de Lisboa

Sebastião Couto Garcia Ribeiro

(Licenciado)

Dissertação/Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

(Mestrado Integrado em Arquitectura)

Orientador científico: Professor Doutor Nuno Miguel Arenga Reis

Lisboa, Novembro de 2014



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

A COZINHA COMO LUGAR FUNDAMENTAL DA CASA URBANA CONTEMPORÂNEA

Habitação colectiva no contexto da reintegração do Convento de Santo António dos Capuchos na cidade de Lisboa

Sebastião Couto Garcia Ribeiro

(Licenciado)

Dissertação/Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

(Mestrado Integrado em Arquitectura)

Orientador científico: Professor Doutor Nuno Miguel Arenga Reis

Lisboa, Novembro de 2014

Resumo

Título: A cozinha como lugar fundamental da casa urbana contemporânea - Habitação colectiva no contexto da reintegração do Convento de Santo António dos Capuchos na cidade de Lisboa

Nome: Sebastião Couto Garcia Ribeiro

Orientador: Professor Doutor Nuno Miguel Arenga Reis

No contexto da necessidade de intervenção na área do antigo Convento de Santo António dos Capuchos, esta investigação propõe pensar a organização interna da casa urbana a partir de uma reflexão sobre as possibilidades de (re)constituir a cozinha como o centro das práticas colectivas do espaço doméstico quotidiano contemporâneo – propomos pensar a cozinha na casa não só como o compartimento da estrita preparação e confecção dos alimentos mas antes como o lugar que a actual circunstância em Portugal potencia como sendo, por excelência, do encontro e das relações sociais no interior doméstico.

Palavras-chave: casa, cozinha, centro, espaço doméstico, contemporaneidade.

Mestrado Integrado em Arquitectura | Lisboa, Novembro de 2014

Abstract

Title: The kitchen as a key place in contemporary urban home - Collective Housing in the context of reintegration of the Convent of Santo António dos Capuchos in Lisbon

Name: Sebastião Couto Garcia Ribeiro

Supervisor: Professor Nuno Miguel Arenga Reis

In the context of the need for intervention in the former Convent of Santo António dos Capuchos area, this research proposes to think the internal organization of urban home from a reflection on the possibilities of (re)establish the kitchen as the center of legal practices of space contemporary home everyday - we propose to think the kitchen in the house not just where strict preparation and cooking of food takes place but as the place that the current circumstance in Portugal as power, par excellence , of the meeting and social relations in the domestic interior.

Key words: house, kitchen, center, domestic space, contemporaneity

Master´s Degree in Architecture | Lisbon, November 2014

Agradeço ao Professor Nuno Arenga o interesse, a disponibilidade e o rigor incomparáveis com que orientou este trabalho; ao Professor Jorge Spencer por ter me ter aproximado a coisas importantes ao longo dos anos; à Maria, ao Bernardo, ao Carlos, ao Frederico e ao Pedro o calor da amizade com que revestiram a minha jornada pela faculdade; aos meus amigos velhos uma série de coisas nesta e noutras andanças; aos meus pais e à minha irmã a oportunidade e o amor incondicional; à Beatriz o amor.

Introdução	1
Objecto de reflexão	1
Objectivo	1
Oportunidade, actualidade e pertinência	2
Estrutura	4
1. Território do trabalho: plano urbano e quarteirão	7
1.1. Contexto	7
1.2. Plano urbano	8
1.3. Quarteirão	10
2. A cozinha na casa urbana contemporânea - Estado dos conhecimentos	13
3. A transformação da cozinha na evolução da casa	17
3.1. Casa medieval	17
3.2. Séc. XVII e XVIII	18
3.3. Período Moderno	20
4. Cozinha nuclear	25
4.1. Centro social	25
4.2. Centro simbólico	28
4.3. Centro Distributivo	31
4.4. Incremento de área	35
4.5. Varanda e tratamento de roupas	37
Considerações finais	39
Bibliografia	43
Suplemento gráfico	45

Introdução

“Uma cozinha onde praticamente só cabe uma pessoa é um disparate.”¹

Objecto de reflexão

Apesar do já estabelecido reconhecimento de certo grau de desajuste do espaço doméstico gerado pelas ideias funcionalistas do princípio do séc. XX e da consequente procura de soluções alternativas que melhor lidem com a complexidade dos modos de habitar a casa, continua a ser possível identificar na produção arquitectónica dos nossos dias a herança mais ou menos directa desse período determinista. Alguns estudos de arquitectura contemporâneos, centram os problemas do interior doméstico nas consequências negativas da rigidez funcional e procuram soluções na diluição da hierarquia e na multifuncionalidade dos espaços. Ainda que pertinente, esta lógica de reinterpretação não se tem estendido à cozinha que continua a ser associada ao conjunto dos compartimentos de serviço e, assim, de forma mais ou menos explícita negada às divisões colectivas do espaço doméstico.

Este trabalho enquadra-se essencialmente na problemática da organização interna da casa. Acreditamos que a circunstância actual reúne condições que tornam clara a necessidade de recolocar o papel da cozinha no interior doméstico urbano. A hipótese que levantamos não pretende debruçar-se sobre temas estritamente funcionais ou técnicos associados ao acto de cozinhar em si e ao bom funcionamento da cozinha, mas procura questionar o sentido alargado na participação da organização e estruturação do interior da casa que acreditamos que seja possível pelo ajuste do espaço da cozinha e pelos nexos que a devida concepção pode estabelecer e convocar.

Objectivo

¹ AICHER, O. (2004) *La cocina para cocinar – El final de una doctrina arquitectónica*, Barcelona: Gustavo Gili, p.18 (tradução livre do autor)

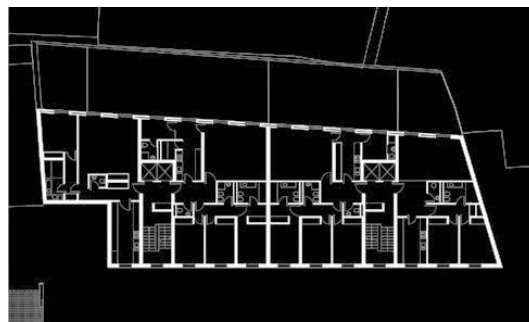


Figura 1. Planta do Arq. Frederico Valssassina para um edifício na Rua das Janelas Verdes (Disponível em: lx-projectos.blogspot.pt)

A presente investigação propõe uma reflexão sobre a casa à luz dos modos de habitar de hoje. No sentido de tentar aproximar a arquitectura doméstica às necessidades do quotidiano dos homens do nosso tempo, propomos abordar uma estrutura interna a partir da revisão da posição e do carácter da cozinha, conferindo a este espaço uma relação nuclear na relação com outras partes do interior doméstico. O nosso objectivo é encontrar numa interpretação contemporânea da casa uma solução que pelo acerto do desenho seja capaz de receber e, na melhor das hipóteses, potenciar as possibilidades colectivas que este espaço parece precisar de sobrepor às necessárias funções que imediatamente lhe estão associadas.

Oportunidade, actualidade e pertinência

Sendo o território da Colina de Santana de uma importância e interesse colectivo excepcional e estando actualmente a passar por um período de especulação promovido pelo desactivar dos diversos hospitais existentes, propomos uma estratégia de reintegração na cidade da área do Hospital de Santo António dos Capuchos, através de um plano urbano desenhado, com especial enfoque num quarteirão de habitação colectiva. É da necessidade de construção de nova habitação neste contexto, e certamente da convicção de que a justa definição do espaço possa participar na própria invenção dos modos de vida, que nasce a oportunidade de direccionar este estudo para o interior doméstico urbano.



Figura 2. Reunião na cozinha. (Fotografia do autor)

Podemos, provavelmente todos nós, mesmo antes de um como este ou de outro estudo, reconhecer que a forma como vemos a cozinha mudou e que, nem que seja por óbvias razões de proximidade, pode pôr-se, entre outras, a hipótese de que seja mais confortável fazer uma refeição na cozinha. Talvez porque também mudaram as estruturas das famílias: já não são, por exemplo, só as mães que cozinham. Perante um contexto de tipificação da habitação que tende a não ser capaz de acompanhar os processos de alteração dos usos, a cozinha que equipa a

grande maioria das casas não foge à tendência do contexto e é pensada de forma limitada e limitativa, e por isso incapaz de corresponder ao desejo e à expectativa próprios do seu tempo.

Na verdade, se concordarmos que o tempo da refeição da noite constitui a grande parte do tempo diário em família e que é dentro deste espaço que se trata de boa parte das “tarefas” domésticas, podemos dizer que uma cozinha que permita (e promova) a reunião de todos os membros que partilham a casa, é o centro da vida doméstica colectiva.

Como veremos, a ideia de uma cozinha que assuma um papel fundamental no interior da casa, não é nova. Ainda há poucos anos a cozinha participou preponderantemente no problema da casa em Portugal (Figura 3 e Figura 4); e, em limite, durante toda a Idade Média a casa e a cozinha foram o mesmo espaço. Este modelo medieval por certo não se adaptaria por si às necessidades de intimidade com que nos relacionamos hoje mas, ainda assim, constitui uma boa base para o lançamento da ideia que vamos desenvolver.

É importante esclarecer que a hipótese que colocamos ganha pertinência no contexto daquela que é a *habitação corrente* – casas urbanas cuja área se aproxima dos mínimos regulados pelo Regulamento Geral das Edificações Urbanas² – porque é nestes casos que, hipoteticamente por razões de práticas instituídas mas com o problema acrescentado da falta de espaço, se verificam maiores expressões do problema da cozinha pequena e relegada a posições secundárias na casa. Se a questão da dimensão é uma das críticas mais directas que podemos fazer à cozinha que conhecemos, então o problema não se põe na generalidade das casas de grandes dimensões ou tão pouco nas casas de férias. Nas primeiras, nem que seja por uma questão de proporção interna, as cozinhas assumem grandes dimensões (Figura 5) e, nas segundas, porque normalmente se constroem com base no princípio de que fora do quotidiano se verificam suspensões dos usos normais e estabelecem distribuições internas especiais

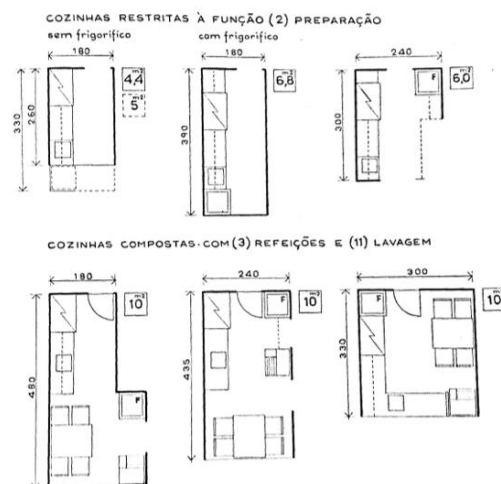


Figura 3. Esquema de vários tipos de cozinha. (Disponível em: PORTAS, N. (1969). *Funções e exigências de áreas da habitação*. Lisboa: LNEC, p. 33)

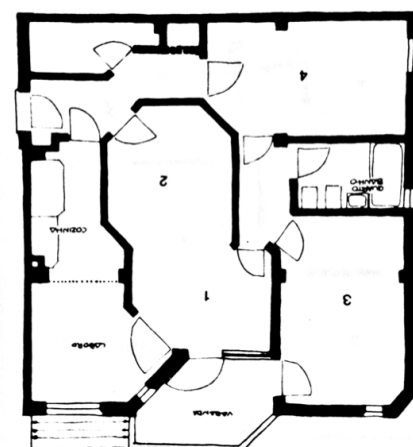
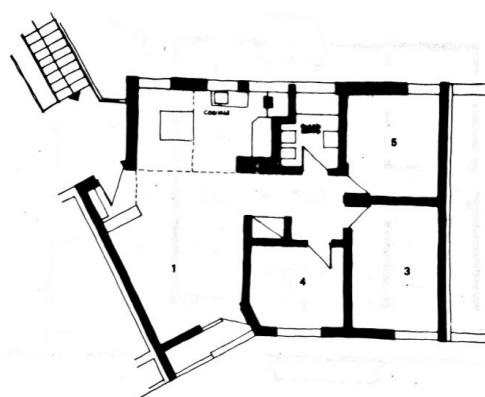


Figura 4. Plantas propostas para os Oliva Norte e Sul respectivamente. (Disponível em: PEREIRA, L. V. (1984) *Inquérito à habitação urbana*. Lisboa: LNEC

² RGEU 3ª Edição. Lisboa: Publisher Team, p. 36



Figura 5. Cozinha contemporânea de grandes dimensões.
(Fotografia do autor)

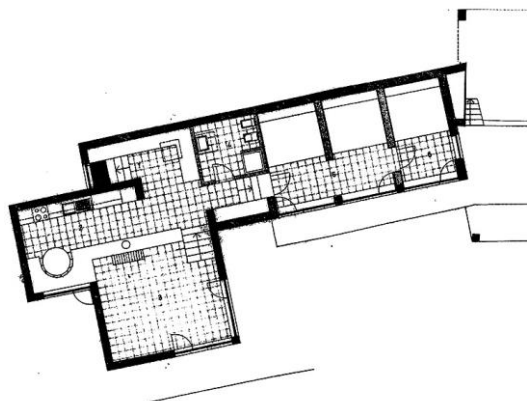


Figura 6. Planta parcial da Casa de Caminha do Arq. Sergio Fernandez (Disponível em: villalcina.blogspot.pt)

(Figura 6). Circunscrevemos este exercício à *habitação corrente* com a convicção de que, assim, estando mais próximos do centro do problema, nos estamos a referir à maior parte das casas da cidade e, por consequência, à maior parte das pessoas que nela vivem.

Estrutura

Do ponto de vista da estrutura, este trabalho divide-se essencialmente em três partes. A primeira parte enquadra o problema da casa que propomos tratar no contexto alargado da área da cidade, do plano urbano e do quarteirão em que se insere. Depois, feita a revisão dos conhecimentos sobre as questões que outros autores abordaram sobre a cozinha na casa, a segunda parte procura identificar, a partir da história da evolução do espaço doméstico urbano, as razões que contribuíram para a formação da cozinha que até hoje nos chega. Por fim, a terceira parte pretende abordar os temas que, do ponto de vista do trabalho, fundamentam o desenho da casa a partir da hipótese que levantamos.



Figura 7. Enclaves da colina de Santana (Esquema do autor)

1. Território do trabalho: plano urbano e quarteirão

O tema específico que propomos focar com este trabalho, pela sua natureza, questiona a casa num certo sentido transversal ao pensamento geral da habitação urbana em Portugal. Contudo, mais do que produzir uma solução genérica da casa, pretendemos construir um desenho que à partida se inscreve num contexto específico e lugar próprio.

1.1. Contexto

O projecto a que esta investigação se refere insere-se no território da Colina de Santana em Lisboa, num ponto central na cidade entre os vales da Av. da Liberdade e da Av. Almirantes Reis. Também nomeada como Colina da Saúde, esta área estrutura-se em torno de antigas unidades conventuais que hoje cumprem funções hospitalares – conventos do Desterro (Hospital de Nossa Senhora do Desterro), Santo Antão-o-Novo (Hospital de São José), Santo António dos Capuchos (Hospital de Santo António dos Capuchos), Santa Marta (Hospital de Santa Marta) e Rilhafoles (Hospital Miguel Bombarda). Agora, com a perspectiva de centralização dos serviços hospitalares na parte oriental da cidade, prevê-se que estes hospitais sejam desactivados e especula-se sobre as possibilidades de apropriação destas áreas até hoje marcadas por limites bastante definidos e que constituem descontinuidades no tecido urbano consolidado (Figura 7). Estamos perante um território maioritariamente habitacional, com densidade considerável de população envelhecida e que, para além dos hospitais, acolhe algumas instituições de ensino. Com efeito, há já uma ideia geral para a transformação da Colina de Santana, a autarquia diz que “Haverá espaços para mais faculdades de investigação, mas também para novas habitações, comércio e



Figura 8. Panorâmica, da esquerda para a direita respectivamente: Capuchos, Torel, Senhora do Monte e Castelo. (Fotografia do autor)

serviços (...) é um programa diversificado, mas que visa transformar a Colina de Santana na Colina do Conhecimento”³.

O projecto aqui apresentado toma a área correspondente ao actual Hospital de Santo António dos Capuchos como lugar de intervenção.

1.2. Plano urbano

“A cidade não cresce sobre um terreno neutro ou informe senão sobre um lugar largamente roturado, um lugar que possui já uma forma e que, como tal, pode ser transformado mas não criado de novo.”⁴

No contexto da cidade consolidada, partimos para o projecto numa perspectiva de continuidade em relação ao existente, ou seja, propomos uma leitura que, apesar de estabelecer novas ligações e unidades, leve a nossa intervenção a participar num discurso que já vem sendo construído há muito tempo.

Numa primeira aproximação ao lugar, notamos que este se apresenta à cidade, quando visto à distância, como outros pontos altos vizinhos que, como se de um sistema se tratasse, promovem os topos das colinas com edifícios notáveis que emergem de massas verdes de pinheiros mansos (Figura 8). Esta imagem que queremos valorizar, constitui o primeiro gesto de projecto na medida em que lhe confere uma apropriação acropólica sobretudo na gestão da topografia.

Propomos um sistema de quarteirões que remata algumas unidades existentes e cria novas, ancorado na preservação do património histórico-arquitectónico presente – preservam-se as construções da cerca, da Igreja de Santo António dos Capuchos, da cisterna de abastecimento de água do antigo convento e do Palácio Sotto-Mayor; e, enquanto modelos espaciais, o claustro do convento, a alameda e o largo da igreja (Figura 9).

³ Entrevista de Manuel Salgado ao jornal Económico a 21 de Dezembro de 2011. (Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/colina-de-santana-sera-a-colina-do-conhecimento_134200.html)

⁴ MARTÍ, C. (1995) *La casa y la ciudad, realidades inseparables*, in AV Monografias 56, p. 8 (tradução livre do autor)

A partir da união de limites opostos da área de intervenção, propomos criar uma ligação estruturante entre o lado das cotas baixas da Av. da Liberdade, Rua das Portas de Santo Antão e Santa Marta, através do bairro a jusante do hospital, e as cotas altas a montante relacionadas com o eixo Rua Luciano Cordeiro/Campo Mártires da Pátria. Com a abertura à cidade por via desta intenção de ligação, o plano estabelece-se como um novo ponto entre dois polos, funcionando como lugar intermédio. Assim, a regra que confere um princípio de organização ao espaço público da proposta, constitui-se com base num centro que medeia a ligação que propõe, que é uma praça a duas cotas, e rege-se pela orientação do declive da encosta.

Do ponto de vista da massa construída, também se desenha com centro na praça. Justaposto à igreja, constrói-se um edifício que se pretende singular, que aproveita e contém o claustro e a cisterna, que sugerimos que tenha um estrutura interna sistemática e regular que lhe permita receber vários usos, como uma faculdade ou instituição de investigação, e que se projecta na paisagem por cima da envolvente. A rotação que este edifício exerce ineditamente sobre a regra onde se insere aproveitando a orientação da igreja, para além de lhe conferir a si próprio um carácter excepcional, liberta espaço permitindo estabelecer um caminho de ronda pela cerca que, desta forma, se mantém como memória, não só enquanto coisa construída, dos primeiros limites murados da área do convento.

A sul, propomos que a construção nova funcione como um prolongamento até à praça do bairro habitacional que acaba na Rua do Passadiço. O novo volume recolhe para abrir um largo no cruzamento da Rua do Passadiço com a rua do projecto que vence a cota até à Alameda de Santo António dos Capuchos, anunciando o novo eixo. É também neste novo eixo que se deve concentrar o comércio ao nível da rua, assim como na praça, por forma a activar através do espaço do público, os nexos que pretendemos construir.



Figura 9. Elementos preponderantes da envolvente e património a preservar. (Esquema do autor)



Figura 10. Estratégia de aproximação à paisagem. (Esquema do autor)



Figura 11. Intenções do projecto. (Esquema do autor)

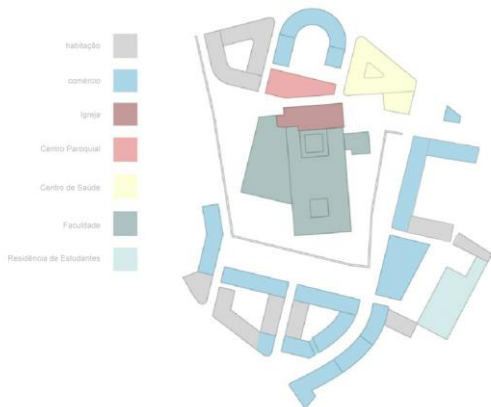


Figura 12. Diagrama de usos. (Esquema do autor)

Nos limites nascentes da proposta, desenhamos uma grande unidade do pondo de vista viário que na sua subdivisão interna permite o atravessamento pedonal e viário condicionado por cotas intermédias interiores, pela Rua de Santo António dos Capuchos, através do portão do palácio que hoje serve circulação viária do hospital. No centro do interior desta unidade, entre duas subunidades habitacionais que se desenham, propomos um pátio de laranjeiras contido pelo palácio recuperado como residência de estudantes, e um edifício de comércio e escritórios.

A norte, confinantes com a Alameda de Santo António dos Capuchos e a Calçada de Santo António, propomos dois equipamentos e dois quarteirões de habitação colectiva. Com base no problema da população envelhecida desta parte da cidade, propomos um Centro de Saúde e um Centro Paroquial relacionados com o largo e a igreja.

Assim, estruturamos a proposta partir de uma linha de continuidade, que seria em muitos casos desapropriada face às exigências regulamentares de acessibilidade e salubridade, mas que se fundamenta na manutenção de um sentido urbano característico da parte da cidade que propomos reactivar.

1.3. Quarteirão

O edifício a que este estudo dedica maior enfoque, situa-se na parte nascente-norte dos limites da área de intervenção (Figura 13). Na qualidade principal de edifício de habitação colectiva, vira para duas das três ruas que o limitam, comércio ao nível do piso térreo – sendo elas a alameda pedonal que acaba no largo da igreja e a rua que liga a Rua do Passadiço à Alameda de Santo António dos Capuchos.

A implantação faz-se de fora para dentro, a partir dos limites do “lote” que ocupa, constituindo uma clara unidade que não se encerra em si, mas que contribui para a definição de um quarteirão maior, em conjunto com as construções existentes que se viram,



Figura 13. Quarteirão no plano urbano. (Esquema do autor)

por sua vez, para a alameda ao largo e para a Rua Santo António dos Capuchos. Contudo, à escala da rua, o edifício não chega a encerrar o quarteirão e, em vez de se construir justaposto às pré-existências, permite o atravessamento pedonal pelo interior do quarteirão.

Em relação à planta, o edifício compõe-se em torno de duas tipologias principais, a *casa grande* e a *casa pequena*. Agrupadas com base num sistema de distribuição de esquerdo/direito, constituem subunidades autónomas dentro da planta geral. Assim, resolve-se o edifício com três conjuntos de duas *casas grandes* e, os dois cantos, com um sistema de rotação e translação de *casas pequenas* em relação a uma posição interior dos acessos. Salvo uma excepção que lida com questões de proximidade em relação ao edifício vizinho, as casas viram os âmbitos privados para o interior do quarteirão, e as salas para a rua.

Do ponto de vista da leitura do edifício, pretendemos que se leia o conjunto enquanto unidade que é própria do modo unitário como é desenhado, mas que a partição por cotas que obedece à topografia em função do sistema de distribuição adoptado, remeta para uma apropriação parcelar, progressiva no tempo e no espaço, característica da parte da cidade consolidada em que estamos a trabalhar. Ainda em relação à imagem, propomos um desenho de fachada que não negue o seu contexto, mas que também não se refira concretamente a um tempo passado como foram as estratégias adoptadas de outras intervenções contemporâneas em áreas históricas do tecido urbano (Figura 15). Com efeito, concluímos da análise da envolvente que, mais do que constituir um testemunho de um tempo específico da construção da cidade, esta reúne um conjunto heterogéneo com expressões de vários tempos diferentes. Assim, entendemos que uma perspectiva de participação no contexto passaria pela ideia, talvez polémica, de tentar encontrar um alçado menos referenciado.



Figura 14. Planta do piso tipo, desenho de trabalho. (Desenho do autor)



Figura 15. Fachada dos Terraços de Bragança para a Rua do Alecrim. (Disponível em: www.fontdarquitectura.com)

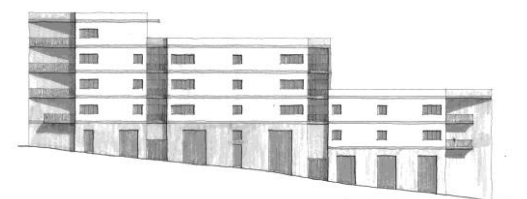


Figura 16. Fachada proposta. (Desenho do autor)

2. A cozinha na casa urbana contemporânea - Estado dos conhecimentos

O problema da cozinha tem vindo a ser identificado. A consciência de que este compartimento durante muito tempo reduzido e relegado assume uma importância central no pensamento do interior doméstico contemporâneo, tem produzido algumas reflexões que, apesar das necessárias diferenças nos pontos de vista dos argumentos dos vários autores, partilham uma ideia fundamental que lhes é transversal:

“As cozinhas não são unicamente um espaço destinado à preparação da comida. São também um espaço activo para a vida comunitária.”⁵

Otl Aicher fundamenta a sua tese na importância da comunicação entre os habitantes do interior doméstico num contexto social dominado pelo progressivo individualismo e isolamento. O autor identifica o espaço da cozinha como o potencial verdadeiro espaço de estar da casa de hoje, pela capacidade que o tempo da preparação dos alimentos e da refeição tem de fomentar as relações entre as pessoas. Deposita no estabelecimento de um modelo de cozinha que tenha dimensão para reunir o grupo que partilha a casa, inclusivamente, um valor pedagógico importante para a modernidade:

“Se a cozinha não fosse tão pequena, poderia dar-se o caso do homem, em vez de se sentar no cadeirão da sala, se sentar junto da sua mulher, que lhe daria uma cerveja e se serviria de outra ela mesma. Os dois falariam do correio que havia chegado. O homem ajudaria a pôr os pratos e a conversa continuaria porque teve um princípio.”⁶

Ignácio Parízió e Xavier Sust, servem-se dos termos introduzidos por L. Kahn, para referir que “cada vez são menos claras as diferenças entre os *espaços servidos* e os *espaços servidores*⁷ na casa, que as funções se têm encontrado diluídas e sobrepostas e que hoje é possível dizer, por exemplo, que “As casas de banho são também um lugar para relaxar e fazer exercício”⁸. Na mesma

⁵ PARÍZIO, I.; SUST, X. (2000). *La vivienda contemporánea*. Barcelona: ITeC, p. 33 (tradução livre do autor)

⁶ AICHER, O., Op. Cit. p. 31 (tradução livre do autor)

⁷ PARÍZIO, I.; SUST, X., Op. Cit., p. 33 (tradução livre do autor)

⁸ Idem, p. 33

linha de pensamento, num trabalho que começa na publicação *Casa collage – Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*⁹, Xavier Monteys e Pere Fuertes encontram pertinência em conceitos como *ambiguidade*¹⁰ e indeterminação na distribuição funcional dos espaços, para responder às novas exigências da casa derivadas das evoluções sociais e transformações dos agregados familiares, opondo-se aos modelos vigentes com maior rigidez funcional e menor capacidade de resistir ao dinamismo e multiplicidade das mudanças tipológicas familiares que a actual circunstância impõe.

O grupo de investigação *HABITAR* (no qual constam ainda como autores, entre outros, Xavier Monteys e Pere Fuertes) coloca “A cozinha no centro do debate”¹¹ e refere que a prática corrente da arquitectura continua a projectar a cozinha de forma determinista e, por isso, redutora. Em larga medida, esta concepção nega o uso que hoje é dado, ou pode ser, a este espaço: “(...) basta ver os catálogos de algumas marcas de mobiliário ou séries de televisão para se dar conta que a cozinha assumiu um novo protagonismo”¹². A noção de cozinha enquanto laboratório de trabalho isolado e isolador, respondeu em tempos a questões, num primeiro plano relacionadas com conceitos como o conforto e o bem-estar, e depois até sociais, que a evolução tecnológica se encarregou de tornar irrelevantes e a transformação das estruturas sociais e da cultura se tem ocupado de subverter.

*“Colocar a cozinha no “centro” da casa significa que esta peça pode ocupar um lugar em correspondência com o seu poder de convocatória que transcende a mera acção de cozinhar. Uma cozinha ampliada em relação à dimensão mas também ao uso, não é nenhuma invenção moderna, mas parece ter mais capacidade de centrar o debate sobre a casa de hoje que a sala de estar.”*¹³

Para Catherine Clarisse, em *Cuisine, recettes d’architecture*¹⁴, reutilizar a cozinha passa sobretudo pela inclusão de uma mesa neste espaço. A autora defende que uma mesa com dimensões

⁹ MONTEYS, X.; FUERTES, P. (2011). *Casa collage – Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: Gustavo Gili

¹⁰ Conceito introduzido por Robert Venturi em: VENTURI, Robert (2004) *Complexidade e Contradição em Arquitectura*. 2a Ed. São Paulo: Martins Fontes

¹¹ GRUPO DE INVESTIGACIÓN HABITAR (2011) *Rehabitar*. Madrid: Ministerio de Fomento, p. 239 (tradução livre do autor)

¹² Idem, p.239 (tradução livre do autor)

¹³ Ibidem (tradução livre do autor)

¹⁴ CLARISSE, C. (2004) *Cuisine, recettes d’architecture*. Besançon: Editions de l’Imprimeur

consideráveis capaz de receber simultaneamente actividades diferentes como a preparação dos alimentos e as refeições, trabalhos de casa e leituras, confere à cozinha um carácter capaz de a remeter para os espaços de utilização comunitária da casa.

3. A transformação da cozinha na evolução da casa

A transformação do espaço da cozinha, do seu carácter e das suas dimensões, posição e importância relativas no interior doméstico, está naturalmente ligada à evolução da casa. As transformações do espaço doméstico devem-se às mudanças das circunstâncias de cada tempo e de cada lugar. Assim, “como a casa é sem dúvida um dos bens mais representativos das pessoas”¹⁵ e da vida das pessoas, a evolução do interior doméstico está, por sua vez, ligado à evolução do grupo que abriga, do conceito de família. Concretamente em relação ao espaço da cozinha na casa, como veremos a seguir, se é verdade que as suas variações dependeram de problemas técnicos relacionados com fumo e maus cheiros num primeiro plano, foram questões sócio-culturais relacionadas com o papel da mulher na sociedade e no seio familiar que foram determinando o desenvolvimento da ideia de cozinha.

Neste capítulo interessa-nos acima de tudo perceber as razões que, durante a história da sua evolução, contribuíram directa ou indirectamente para a constituição da cozinha que vemos ser repetida pelos *standards* da produção imobiliária e da normativa portuguesa. Conscientes da limitação da profundidade deste trabalho, tentamos aqui reunir aqueles que foram, do nosso ponto de vista, os aspectos-chave da transformação da cozinha na evolução da casa, fundamentando o texto essencialmente no livro *La Casa – Historia de una idea* de Witold Rybczynski que, ainda que indirecta por não se debruçar especificamente sobre o espaço da cozinha, faz uma síntese pertinente para a ideia que procuramos para esta parte da investigação.

3.1. Casa medieval

“À volta da lareira havia mesas para trabalhar e para comer. Ali podia-se vigiar os filhos e participar sempre nas conversas sobre os trabalhos do campo, o tempo e as pessoas do lar. A mulher da casa conservava e



Figura 17. *The Milkmaid*, Jan Vermeer, 1658 (Disponível em: www.janvermeer.org)



Figura 18. *Exhausted*, Laurie Justus Pace, 2010 (Disponível em: www.dailypainters.com)

¹⁵ PARÍZIO, I.; SUST, X., Op. Cit., p. 11



Figura 19. Concordia, Robert Boissart, séc. XVI (Disponível em: REIS, N. (2009) *O saguão na habitação urbana – O interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Tese de Doutoramento, p. 78)

*preservava a sua posição central a cozinhar.*¹⁶

A casa típica europeia da idade média reunia muita gente num só espaço que não tinha uma função específica e que era alterado ao longo do dia para servir diferentes actividades. Este espaço era alterado em função das necessidades, movimentando-se o mobiliário que nele existia - os habitantes sentavam-se em redor da mesa central para comer e para trabalhar, ao fim da tarde serviam-se do mesmo espaço como sala de estar e à noite o compartimento tornava-se dormitório chegando a mesa central a servir de cama¹⁷.

Ainda que existissem outras divisões, normalmente utilizadas para arrumos de utensílios e mantimentos, não eram habitadas pela simples razão de não estarem aquecidas como estava aquela onde, permanentemente, ardia o fogo¹⁸.

Já em meio urbano, no século XIV, apesar da casa burguesa ser constituída, regra geral, por dois pisos, a vivência era muito parecida. O piso inferior servia para trocas comerciais e o superior não era mais do que um espaço único com uma grande chaminé e uma mesa central¹⁹ partilhado pelas actividades e intervenientes da vida doméstica. Nos casos das famílias mais abastadas, nesta divisão que era, no fundo, a casa, recebiam-se inclusivamente convidados e davam-se festas²⁰.

3.2. Séc. XVII e XVIII

Até ao século XVII a vida doméstica e consequentemente a casa alteram-se lentamente, altura em que a principal cidade europeia seria Paris²¹. Com a crescente ocupação dos terrenos do centro da cidade a casa típica burguesa parisiense ocupava o mesmo lote de raiz medieval mas agora crescia em altura para quatro ou cinco pisos e organizava-se em torno de um pátio. Ao espaço comercial

¹⁶ AICHER, O., Op. Cit. p. 32 (tradução livre do autor)

¹⁷ RYBCZYNSKI, W., Op. Cit., p. 30

¹⁸ Idem, p. 31

¹⁹ Idem, p. 36

²⁰ AICHER, O., Op. Cit. p. 14

²¹ RYBCZYNSKI, W., Op. Cit., p. 48

do piso térreo acrescentaram-se os estábulos e no espaço central onde estão os senhores da casa, onde comem e recebem convidados, já não se cozinha.

Neste ponto, a mesma sociedade que ainda não compreendia valores que actualmente são tidos como adquiridos, já manifestava sensibilidade em relação aos cheiros provenientes da cozinha. Em rigor, a cozinha já não estava adjacente à sala central e tinha sido levada para o outro lado do pátio por forma a não comunicar directamente com a mesma²². Ao factor dos cheiros, acrescentava-se a instauração de uma cultura absolutista em que os donos da casa não se deviam cruzar com os serventes ou tão pouco atravessar as zonas de serventia, como era o caso da cozinha. Estes factos vieram marcar definitivamente, sobretudo para o contexto europeu, a posição da cozinha na casa com a sua relegação para as partes menos centrais do interior doméstico.

Durante o mesmo século nos Países Baixos, verificava-se que a importância da mulher no seio da família se reflectia numa evolução do interior doméstico que antecedia em quase cem anos o mesmo fenómeno noutros países da Europa. A vida social e o mundo do trabalho dos homens tinham saído de casa para dar o interior doméstico às mulheres. Independentemente da situação financeira ou social a mulher tinha um trabalho especializado que consistia em administrar a casa e fazer a maior parte das tarefas domésticas²³, entre elas, cozinhar. Neste sentido, a cozinha da casa holandesa ganha uma posição de tal importância que, apesar das reduzidas dimensões, “se promoveu a cozinha a uma posição de verdadeira dignidade e se converteu a mesma em algo entre um templo e um museu”²⁴.

Ao longo século XVIII, a casa inicia um processo de mudança profunda que está para além das suas dimensões, e que se deve ao facto de vir progressivamente a deixar de ser também local de trabalho, facto que, para Witold Rybczynski, está relacionado com o aparecimento e a consciencialização da ideia de intimidade.

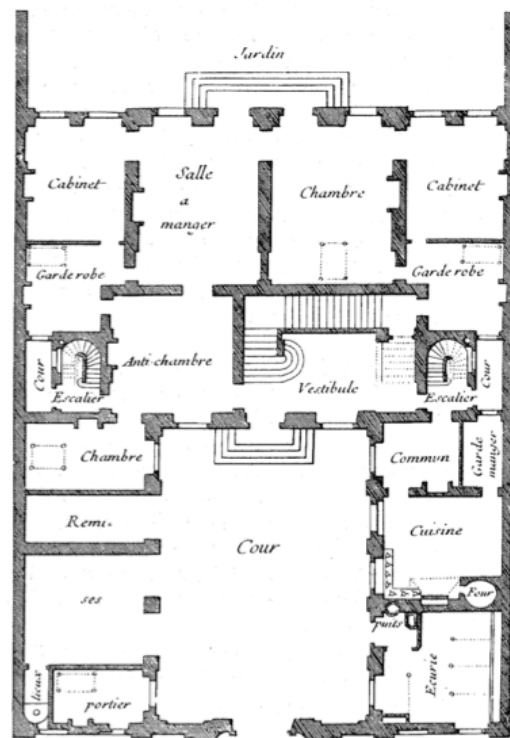


Figura 20. *Hôtel français*. (Disponível em: REIS, N. (2009) *O saguão na habitação urbana – O interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Tese de Doutoramento, p. 83)

²² Ibidem.

²³ Idem, p. 81

²⁴ Idem, p. 82 (tradução livre do autor)

Neste processo, à semelhança do que acima referimos em relação à Holanda, as dimensões da casa vêm a ser reduzidas e o espírito da casa medieval como abrigo comum de grande sentido público é substituído pela ideia do lugar onde cresce uma “nova unidade social compacta”²⁵ que é a família.

Por outro lado, o fim deste século, é marcado por uma grande evolução tecnológica. Para além da generalização do uso das casas de banho pela possibilidade do seu permanente abastecimento de água, a atenção centrou-se no problema das lareiras e chaminés que não aqueciam com eficácia a casa e não fumavam propriamente. O problema da qualidade do ar no interior doméstico, apesar de ter sido suscitado antes, ganha real dimensão e importância na discussão nesta altura.

Já durante o século XIX, nos Estados Unidos, surge aquela que “historiadores como James Marston Fitch e Sigfried Giedion qualificaram como a precursora do movimento moderno”²⁶. Catherine Beecher, apesar de manter uma posição conservadora em relação ao papel da mulher na sociedade e na família, defendia que a educação a podia levar a melhor servir esse papel. De forma visionária para o seu tempo, elaborou um manual para a optimização da gestão da casa onde, entre outros, considerava que a cozinha devia ser um espaço reduzido e central, fácil de trabalhar, e em que, para além das inovações técnicas que introduzia, chegava a sugerir a disposição dos diferentes utensílios de cozinha.

3.3. Período Moderno

Desde a fundação do conceito de família, o papel da mulher na sociedade manteve-se relativamente estabilizado até ao princípio do século XX, contudo, com as circunstâncias que as guerras mundiais e o pós-guerra proporcionaram, viu-se substancialmente alterado. Neste período, os homens foram destacados e obrigados

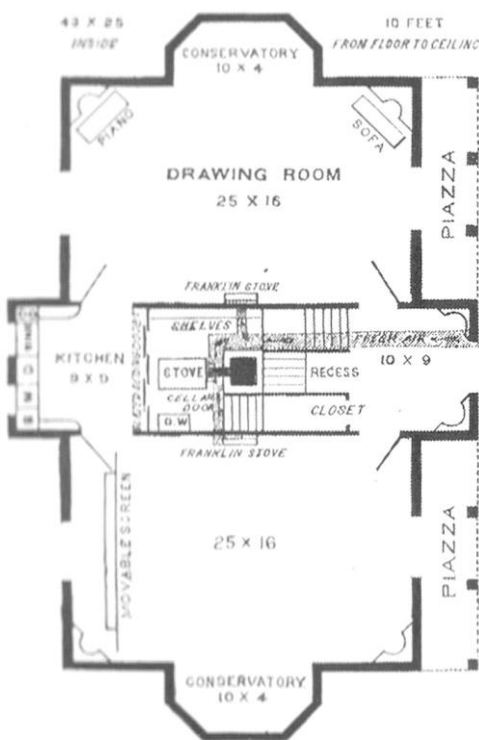


Figura 21. Casa proposta por Catherine Beecher publicada em *The American Woman's Home*, em 1870 (Disponível em: MONTEYS, X.; FUERTES, P. (2011) Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: Gustavo Gili, p. 107)

²⁵ Idem, p. 85 (tradução livre do autor)

²⁶ Idem, p. 165

a deixar casas, mulheres e mesmo famílias, sem sustento. Perante isto, a mulher foi obrigatoriamente introduzida no mercado de trabalho perdendo-se a tradicional imagem da mulher diante do fogão como o centro da família. Paralelamente, em reacção às circunstâncias referidas, este princípio de século é marcado pela difusão das ideias tayloristas - que defendiam os benefícios da produção em série em oposição aos trabalhos artesanais individuais – que vieram influenciar o pensamento geral do período que se seguiu.

Na exposição *L'Esprit Nouveau*, Le Corbusier apresentava uma casa que era “tão útil como uma máquina de escrever”²⁷. Entre outras, uma das inovações dos movimentos do arranque do século XX, foi o apartamento *duplex*. Nesta nova tipologia, a cozinha devia estar no segundo piso da habitação de modo a evitar que os cheiros se espalhassem pela casa. Numa altura em que a produção industrial procurava encontrar processos de trabalho sucessivamente mais eficientes através de métodos de normalização, e inscrita na ideia de casa apresentada, a cozinha não era mais que um pequeno laboratório²⁸, numa perspectiva em que as necessidades humanas eram universais e se podiam uniformizar soluções prototípicas para lhes dar resposta. Mais tarde, veio-se a aceitar que esta cozinha moderna tinha sido subdimensionada e que a relação que estabelecia com a sala de jantar era deficiente. Assim, para a *Unité d'Habitation de Marseille*, já em 1945, em colaboração com Charlotte Perriand, Le Corbusier propõe uma cozinha que se relaciona com a casa de jantar e elimina a segregação obrigatória da mulher. No contexto deste projecto, a mulher deveria ser capaz de atender às conversas com a família ou com convidados, enquanto prepara as refeições. Esta proposta pretendia, depois de um divórcio com casa de há muito tempo, situar a cozinha entre a pequena cozinha racional e o grande compartimento familiar medieval.

As “novas tendências” do princípio do século XX, propunham uma cozinha mínima inteiramente racionalizada. Entendida como uma



Figura 22. Fotograma do filme *Modern Times* de Charles Chaplin, 1936 (Disponível em: www.chaplin.pl)



Figura 23. Relação da cozinha com a sala de jantar da *Unité d'Habitation de Marseille*. (Disponível em: www.moma.org)

²⁷ LE CORBUSIER em: *La Casa: historia de una idea*, p. 194

²⁸ RYBCZYNSKI, W., Op. Cit., p. 194

célula labora e, suprimida a original mesa central, a cozinha era agora compacta, repleta de electrodomésticos e devia dispor de uma organização que optimizasse o trabalho de preparar os alimentos²⁹. Com a clara separação de um processo industrial, viver e cozinhar deviam estar separados e ser coisas distintas. O acto de cozinhar era encarado como uma obrigação igual ao trabalho e o tempo passado na cozinha, neste caso, devia ser reduzido para deixar o máximo de tempo para o lazer.



Figura 24. Cozinha de Frankfurt. (Disponível em: MONTEYS, X.; FUERTES, P. (2011) Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: Gustavo Gili, p. 107)

Grete Schutte-Lihotzky foi a primeira a colocar o problema da cozinha não só como um problema técnico ou laboral, mas também sócio-cultural - considerou que os momentos das refeições são momentos importantes para reforçar relações familiares e que, por isso, mais uma vez, devem ser aumentados. Em 1923, leva a um extremo as ideias da cozinha mínima e desenha a mais pequena das cozinhas, a cozinha de Frankfurt, um espaço absolutamente racionalizado onde só se pode mover uma pessoa. Depois da II Guerra Mundial, esta cozinha veio a tornar-se numa bandeira arquitectónica e a proliferar-se a nível mundial³⁰. Contudo, ainda em 1930, “Ludwig Neundorfer, um sociólogo pertencente ao Círculo de Frankfurt, escrevia o seguinte depois de referir as virtudes da cozinha de Frankfurt: A principal objecção a este tipo de cozinha é que as pessoas se comportam de maneira diferente em suas casas da maneira que aqui se sugere. Os filhos não podem estar na cozinha ao pé da mãe a fazer os trabalhos de casa...e muita gente conserva o hábito de comer na cozinha”³¹.

Paralelamente à cozinha de Frankfurt, num contexto de arquitectura social, surge a cozinha de Munique. O facto desta cozinha não ter alcançado a visibilidade da outra sua contemporânea, não quer dizer que não apresentasse soluções visionárias³². À responsável por este modelo, Hanna Low, interessava mais a dimensão do acto de habitar que a estrita operatividade dos espaços. Esta cozinha situava-se adjacente à sala onde se davam as refeições mas era

²⁹ AICHER, O., Op. Cit., p. 15

³⁰ Idem, p. 16

³¹ Ibidem

³² Idem, p. 20

separada por uma parede de vidro, em vez de uma opaca. Desta forma, diluía-se a segregação da mulher que estava a cozinhar e esta podia estabelecer algum contacto com o resto da família, ainda que exclusivamente visual.

Já na década de 1950, voltava-se a utilizar a cozinha-sala-de-jantar nas casas suburbanas norte-americanas. Neste modelo, a sala e a cozinha comunicam de forma a criar, de certa forma, um espaço contínuo. Com a generalização da *living kitchen*, o acto de cozinhar liberta-se progressivamente da ideia de obrigação para ser entendido como enriquecedor do tempo em família.

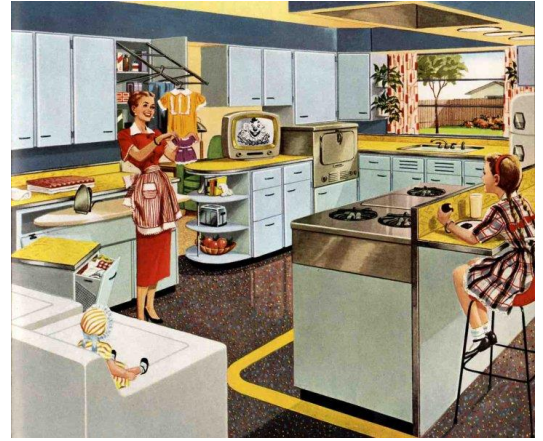


Figura 25. Cartaz de propaganda ao modelo *Living kitchen*, 1953. (Disponível em: emilycontois.com)



Figura 26. Casa grande. (Desenho do autor)

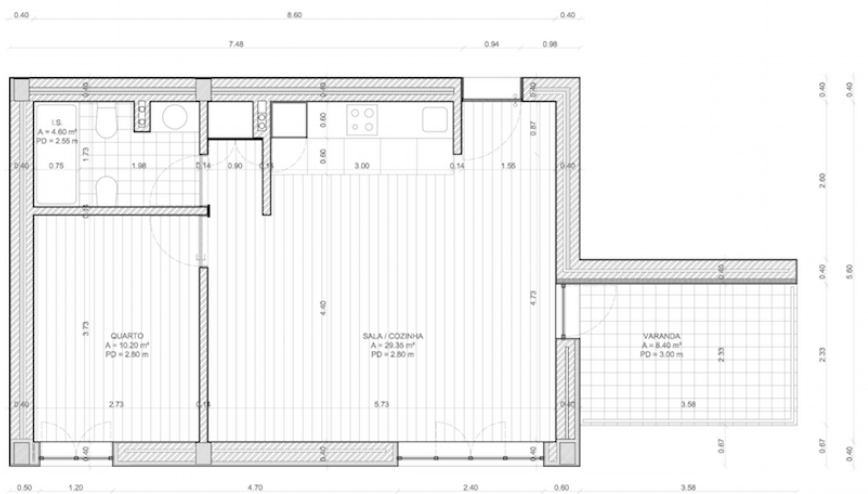


Figura 27. Casa pequena. (Desenho do autor)

4. Cozinha nuclear

Neste capítulo pretendemos referir as questões da investigação que fundamentam o desenho da casa que propomos. Porque o contexto e concretamente o plano urbano sugerem o recurso a diversidade tipológica e funcional para a área de intervenção deste projecto, resolvemos o desenho dos pisos do conjunto que correspondem à habitação com base em duas tipologias: a *casa grande* e a *casa pequena*. A *casa grande* insere-se num “lote” com 9m por 12m e a *casa pequena*, que se desenha a partir da maior, corresponde a metade desta. Ambas as casas tentam ser desenhadas em função dos mesmos princípios, contudo, por razões de maior abundância de espaço e complexidade interior inerentes, as questões que levantamos a seguir têm maior expressão em relação à tipologia *grande*.

“Num T3 é a velha história: temos cinco filhos, metemos lá os cinco filhos, é questão de pôr beliches e depois fica sobreocupado, mas não há problema; temos para rapazes, temos para raparigas e temos o quarto dos pais. Depois o resto anda lá tudo à mistura. Num T2 não se consegue isso.”³³

4.1. Centro social

É facto que a família nuclear tradicional se vê hoje alterada por diversos factores, que não são exclusivos de um ou outro sector social, que a transformam numa nova estrutura familiar complexa e que, com o aumento do número de horas de trabalho e as questões de mobilidade associadas, vive substancialmente menos tempo em casa. Paralelamente, também a progressiva

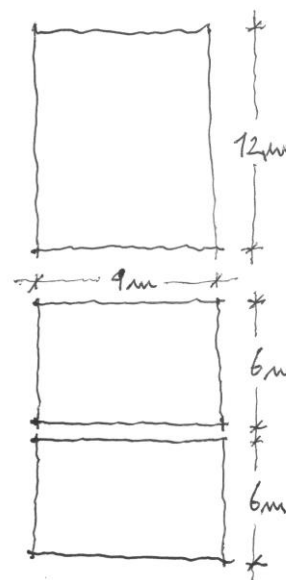


Figura 28. Casa grande e casa pequena. (Esquema do autor)

³³ Vítor Figueiredo in ARENGA, N. (2012) *Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. Lisboa: Circo de Ideias, p. 72

individualização da sociedade³⁴ parece centrar o problema da casa contemporânea na importância de uma gestão que, não esquecendo as necessárias circunstâncias de intimidade para um indivíduo certamente mais autónomo do que nunca perante o grupo doméstico, ponha a tónica no encontro de formas de convivência que estabeleçam e reforcem sentidos de colectividade.

A leitura estatística³⁵ aponta a tendência para a redução do tamanho da família com a redução do número de filhos, tardia emancipação dos jovens, decréscimo do número de casamentos e aumento do número de divórcios; e o aumento do número de famílias monoparentais e uniões de facto entre estas famílias. Assim, generalizam-se formatos familiares não convencionais que, de uma maneira ou de outra, implicam a partilha do interior doméstico por parte de indivíduos que podem não partilhar intimidade necessariamente, e que têm ritmos de vida e horários diferentes.



Figura 29. *Cartoon* referente ao teletrabalho. (Disponível em: www.gilgordon.com)

Hoje, com o teletrabalho (trabalho à distância) e com as profissões liberais, voltámos a trabalhar em casa. Contudo, para um número importante de famílias, a casa não passa de um dormitório onde, a diferentes horas, pessoas diferentes entram e saem. Se até ao séc. XVIII a casa estava sempre cheia de gente – exactamente por reunir no mesmo espaço vida doméstica e trabalho, agora, o grupo que partilha o interior doméstico vê maior probabilidade de se encontrar à noite; e é nesta pequena parte do dia que se concentra a maioria das actividades domésticas e os mais ou menos frequentes momentos de reunião e de lazer.

Por outro lado, as relações no seio familiar tendem a estabelecer-se em planos mais liberais e mais participados. A estabilização da mulher no mercado de trabalho veio diluir definitivamente a hierarquia dos papéis familiares. Hoje, a responsabilidade das

³⁴ HESPANHA, P. (2002) *Individualização, fragmentação e risco social nas sociedades globalizadas*. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro, p. 21-31 Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/63/RCCS63-021-031-Pedro%20Hespanha.pdf> [Consultado em 12 de Maio de 2014]

³⁵ *Censos 2011*. Disponível em: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao

tarefas domésticas é partilhada também pelos homens e pelos jovens e a educação dos filhos é dividida entre o pai e a mãe.

Nas conclusões do inquérito “The European Family Meal”³⁶, pode ler-se que apesar das transformações que a estrutura familiar sofreu sobretudo ao nível do papel da mulher, a cultura da família enquanto unidade compacta ainda se verifica, de maneira geral, em toda a Europa. Com efeito, Portugal e Itália, são os dois países europeus onde se encontram as tradicionais relações familiares mais presentes e ainda fortemente estabelecidas. Nestas sociedades, a manutenção de valores familiares está intimamente ligada com o culto das refeições diárias em grupo. Para a grande maioria das pessoas entrevistadas, a sala de jantar fica reservada para ocasiões esporádicas de maior formalidade (cada vez menos frequentes), de modo que o regime diário de refeições tem lugar na cozinha. Os mesmos afirmam considerar a cozinha como o coração da casa – ponto de encontro e compartimento da casa onde mais vezes a família se reúne, seja para a refeição ou não – e o tempo despendido na cozinha como parte essencial do quotidiano. O mesmo estudo conclui ainda que em Portugal é recorrente os pais passarem tempo com os filhos na cozinha, seja a ajudar a fazer trabalhos de casa da escola, seja a ensinar os filhos a cozinhar.

Ainda que concentrada no tempo diário já referido, estes factos apontam para uma intensificação da vida activa no lar onde também as relações sociais tendem a ser mais colectivas, menos contraídas e vinculadas à vizinhança próxima e mais a recepções relativamente informais de amigos. Seja por razões económicas ou de preocupação com a saúde, o número de refeições feitas fora de casa vê-se reduzido e aumenta o cuidado não só com as refeições de uma maneira geral, mas até com a escolha dos produtos que são cozinhados. Como indício do que acabámos de referir, é de notar o interesse generalizado manifestado por programas

³⁶ Inquérito não publicado levado a cabo pela Tickbox encomendado pela Royal Philips Electronics em Outubro de 2004. Este estudo foi ao encontro de 12 000 adultos em 13 países (Alemanha, Holanda, Finlândia, Noruega, Suécia, Dinamarca, França, Portugal, Polónia, Inglaterra, Itália, Suíça e Rússia) com o intuito de aferir a importância dos electrodomésticos no quotidiano do contexto europeu.



Figura 30. Família italiana dos anos 1950 durante a refeição na cozinha. (Disponível em: MONTEYS, X.; FUERTES, P. (2011) Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: Gustavo Gili, p. 105)

MasterChef



Figura 31. Concurso televisivo de culinária. (Disponível em: ohnotheydidnt.livejournal.com)

televisivos de culinária e livros de *chefs* de cozinha. Esta tendência leva-nos a crer que, para além da cultura da reunião à refeição, a perspectiva modernista do acto de cozinhar enquanto obrigação que deve ser minimizada no tempo, está ultrapassada e que, agora pelo contrário, esse tempo de preparação dos alimentos é tido como uma boa oportunidade de lazer e partilha entre habitantes da casa ou mesmo entre amigos convidados para a refeição.

4.2. Centro simbólico

Ainda que remota, há uma relação inevitável entre a cozinha e o fogo enquanto símbolo que nos interessa notar e que dá o mote para o projecto que aqui desenvolvemos. Se a evolução tecnológica se tem encarregado de ultrapassar problemas de salubridade relacionados com fumos e maus cheiros nas casas, tem com isso, inclusivamente, apagado o fogo do interior doméstico. Já estão também perfeitamente instituídos sistemas eléctricos de aquecimento e de indução para confeccionar alimentos, contudo, o calor continua a ser indispensável, nos casos dos países com climas frios nos aspectos relacionados com as condições confortáveis de habitabilidade, e na cozinha na preparação dos alimentos.



Figura 32. Descoberta do fogo, *Vitruvio de Cesariano*, 1521. (Disponível em: FERNÁNDEZ-GALIANO, L. (1991) *El fuego y la memoria*. Madrid: Alianza, p. 30)

“A necessidade de calor é uma questão de sobrevivência para o homem e, por isso, a ideia de proteger esse calor para nos protegermos a nós mesmos encontra-se na génese da casa. O lar, enquanto edificação, nasceu graças ao fogo, para o guardar e manter vivo. O refúgio do homem sempre se organizou em torno do calor do lar. Na verdade, o mais provável é que o uso desse mesmo fogo para cozinhar e conservar alimentos se deva a uma casualidade.”³⁷

Crê-se que assenta na descoberta do domínio do fogo uma das principais razões, se não a principal, para a sobrevivência da humanidade. Vitruvius afirma que, numa altura em que os homens nasciam e viviam em bosques e cavernas em condições idênticas aos outros animais, e usufruíam apenas de uma alimentação selvagem, o calor temperado do fogo domesticado motivou a

³⁷ ZABALBEASCOA, A. (2011) *todo sobre la casa*. Barcelona: Gustavo Gili, p. 47

reunião e, como consequência da oportunidade, a invenção da própria linguagem³⁸. Assim, os homens estabeleceram uma relação com este elemento que ultrapassou a dependência do foro estritamente material. Veja-se que na mitologia grega, o fogo deveria pertencer aos deuses e não aos homens. Segundo Hesíodo³⁹, os deuses *Prometheus* e *Epimetheus* foram encarregues de criar os homens e os animais. *Epimetheus* esgotou todos os recursos que lhes tinham sido atribuídos a criar os animais e dotou-os de capacidades como força, coragem, rapidez e mecanismos de protecção próprios. Depois, criou os homens a partir da terra, criaturas indefesas. Perante isto, o seu irmão *Prometheus* roubou o fogo aos deuses para o entregar aos homens por forma a garantir que estes, à partida, eram superiores aos animais⁴⁰.

(...) *aedificare*, “edificar”; *aedificatoria*, “arquitectura”, *aedilis*, “edil”, (...) *todas estas palavras derivam de aedes*, “templo”, “casa”, e, originalmente, “fogo”, “lareira”.⁴¹

Da mesma forma, na cultura romana, o papel do fogo na sociedade era absolutamente central e estendia-se desde a fundação das cidades até ao interior doméstico. Segundo Joseph Rykwert⁴², acreditava-se que a cidade devia nascer de um centro, o coração da cidade, onde residia a sua identidade e foco da vida religiosa. Em Roma, como na maior parte das cidades romanas, esse centro era ocupado pelo templo de *Vesta*, personificação do fogo sagrado e símbolo da virgindade. Neste templo serviam a *Vesta* seis *Vestais*, sacerdotisas encarregues de manter permanentemente aceso e cuidado o fogo sagrado. De notar é que, o templo de *Vesta*, se não foi o primeiro a par da fundação da cidade, foi certamente o último templo pagão a ser adorado em Roma convertida ao cristianismo, só tendo sido mandado fechar em 394



Figura 33. *Prometheus*, Heinrich Friedrich Füger, 1817. (Disponível em: www.godoffire.com)

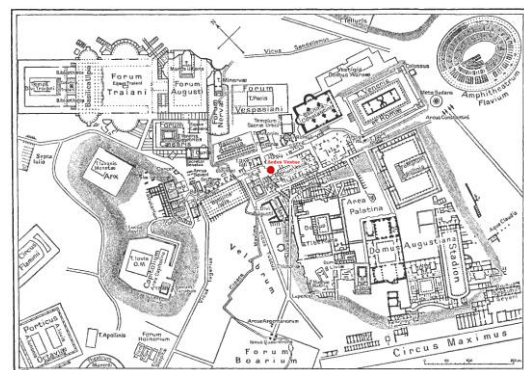


Figura 34. Posição do templo de *Vesta* no fórum de Roma. (Disponível em: iicenturione.blogspot.pt)

³⁸ RUA, M. H. (1998). *Os Dez Livros de Arquitectura de Vitruvius*. Lisboa: Hrua, p. 30

³⁹ Atribui-se ao poeta grego do séc. VII a.C., Hesiodo, na obra *Teogonia*, a primeira vez que se escreve sobre o mito de *Prometheus*.

⁴⁰ EVELYN-WHITE, Hugh G. (1914) *Theogony*. Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd.

Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu> [Consultado em 28 de Agosto de 2013]

⁴¹ GONÇALVES, F. (1983) *Fundamentos para uma normativa urbanística portuguesa*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Tese de Especialidade, p. 222

⁴² RYKWERT, J. (1974) *La casa de Adán en el paraíso*. Barcelona: Gustavo Gili

d.C.⁴³. Mas a extensão da veneração não acabava na vida social ao nível da cidade, era dada especial importância à reunião à refeição junto do fogo. Assim, acerca da casa romana, Fernando Gonçalves escreve:

“(…) existia uma “lareira”, altar doméstico em torno do qual gravitava a vida familiar. Era junto desse altar que se desenrolava o banquete, considerado o acto religioso por excelência, e se cumpriam os sagrados deveres da hospitalidade.”⁴⁴

Este culto doméstico do fogo em muito ultrapassa no tempo e no espaço a cultura da antiguidade clássica de tal forma que, em Portugal, ainda hoje em áreas como a estatística ou a promoção imobiliária, se utiliza o termo “fogo” para inventariar um número de “casas”; assim como no Alentejo e no Algarve, à pedra que formaliza a lareira, se dá o nome “sempre-noiva”⁴⁵ - termo que representa um testemunho da antiga veneração doméstica da personificação feminina e da virgindade.

Pensar a organização interna da casa em torno do fogo enquanto elemento simbólico central, e talvez este seja outro sintoma da importância deste elemento na habitação, é uma ideia recorrente na arquitectura. Haverão com certeza mais autores cujos trabalhos seriam pertinentes para informar este estudo (Figura 35), contudo, há um que pela recorrência desta ideia na sua obra é particularmente interessante.

Frank Lloyd Wright defende que os espaços de um edifício devem “fluir em torno de um espaço central”⁴⁶. No conjunto das *Prairie Houses* do autor, que datam do fim do século XIX, este espaço central corresponde a uma grande lareira, “um coração que unifica a casa e que se torna o seu foco”⁴⁷, a partir do qual se desenvolve o espaço. Adjacente à lareira, está a sala de jantar, que assume também a posição central e privilegiada na casa (Figura 36). Contudo, em 1936, Wright conceptualiza uma nova ideia de casa que fosse mais acessível economicamente e desenvolve as

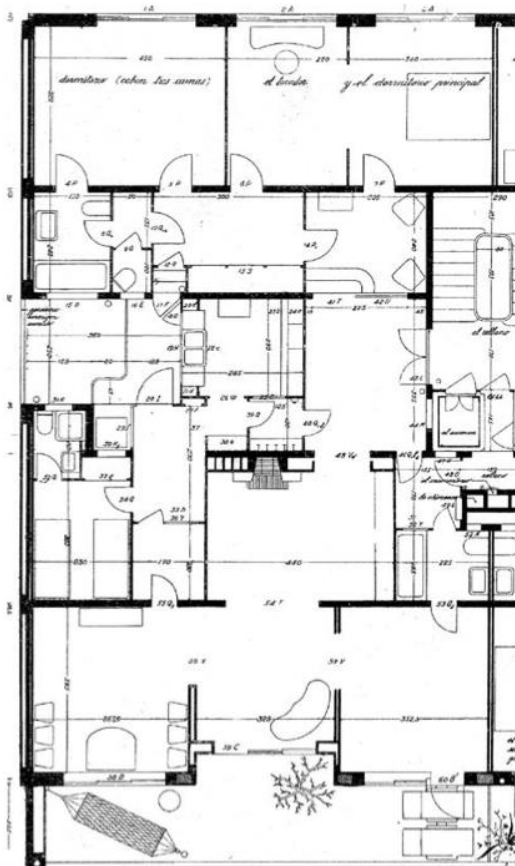


Figura 35. Arq. Francesc Mitjans, Barcelona, 1941-1944. (Disponível em: MONTEYS, X. (2006) *Distribució es un terme massa estret!* in *Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme*, nº 250, p. 60)

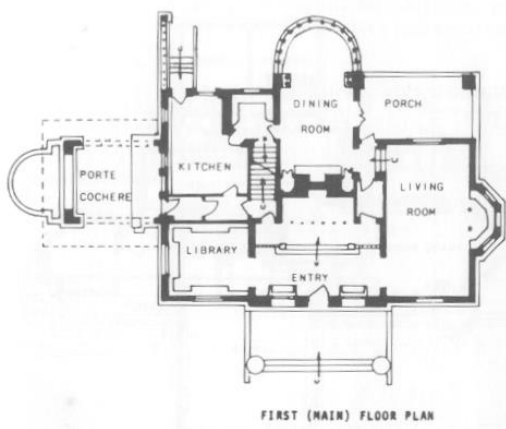


Figura 36. Casa Winslow, Frank Lloyd Wright, 1894. (Disponível em: www.wrightontheweb.net)

⁴³ GONÇALVES, F., Op. Cit., p. 221

⁴⁴ Idem, p. 222

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ WILDMAN, M. (2000) *An Historical View of Frank Lloyd Wright's Usonian Concept*. Housing Seminar 1 ARC 301-630A, p. 6 (tradução livre do autor)

⁴⁷ Ibidem

Usonian Houses. Estas casas deveriam ter um “desenho quente”⁴⁸ marcado pela fluidez dos espaços e ser económicas, pequenas e confortáveis - são idealizadas para uma classe média-baixa e baixa, inclusivamente construídas por assemblagem de peças pré-fabricadas. Como resultado, o espaço central que é ocupado pela lareira e sala de jantar nas *Prairie Houses*, é aqui substituído pela cozinha que se estabelece como peça central da casa para a disposição das restantes à sua volta (Figura 37). Neste sentido, a cozinha é a única divisão da parte colectiva da casa com uso definido. Adjacentes ao centro, estão normalmente dois espaços em L que, pela fluidez com que se desenham, podem ser apropriados como espaços de refeições ou de estar, ou de qualquer outro modo, conforme a vontade dos seus habitantes. Por fim, a cozinha, ao contrário do que acontecia até aqui nas casas de Wright, não era delimitada por quatro paredes mas pelos elementos que a equipavam, sendo o lava-loiças, o fogão e o frigorífico.

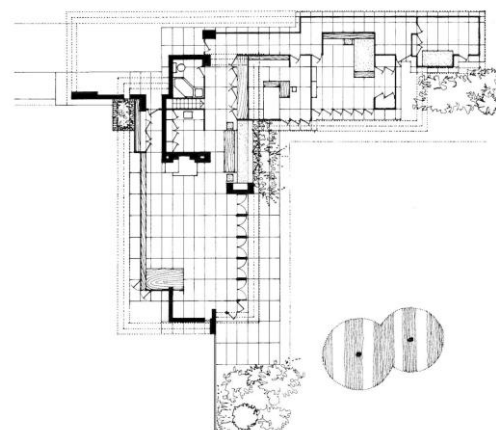


Figura 37. Casa Jacobs, Frank Lloyd Wright, 1936. (Disponível em: www.studyblue.com)

4.3. Centro Distributivo

*“Os conceitos “público” e “privado” podem ser interpretados como a tradução em termos espaciais dos “colectivo” e “individual”. Num sentido mais absoluto, podemos dizer: pública é a área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade da sua manutenção é assumida colectivamente. Privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la.”*⁴⁹

Propomos ensaiar uma cozinha que constitua o centro da vida colectiva na casa. Trazendo a definição acima transcrita para o universo concreto do espaço doméstico, podemos identificar dois aspectos fundamentais que definem o carácter individual ou colectivo dos espaços: a responsabilidade da manutenção e o acesso. Em relação à responsabilidade, procurámos provar no capítulo 4.1. que a cozinha já não deve a sua administração exclusivamente a uma pessoa, como deveu em tempos em relação à mulher. Então, na expectativa de potenciar o sentido colectivo do

⁴⁸ Idem, p. 4

⁴⁹ HERTZBERGER, H. (2006). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 12 (tradução livre do autor)

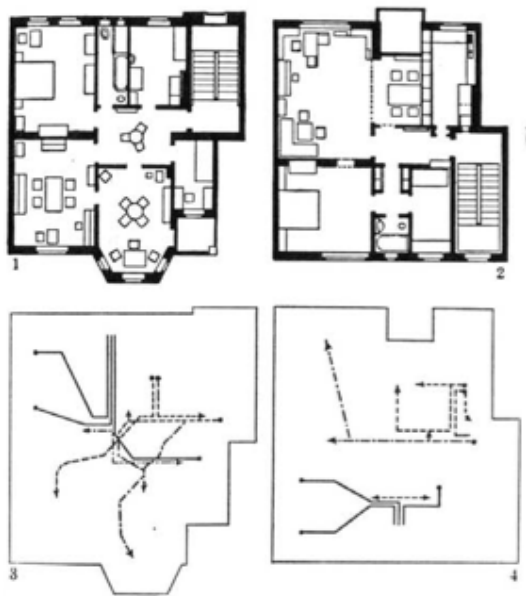


Figura 38. Comparação de Alexander Klein entre os sistemas de distribuição de uma casa convencional (esquerda) e outra funcional (direita). (Disponível em: MONTEYS, X. (2006) *Distribució es un terme massa estret!* in *Quarderns d'Arquitectura i Urbanisme*, nº 250, p. 59)

espaço, colocamos aqui a hipótese de extravasar as possibilidades de acesso à cozinha ao ponto de a desenhar enquanto peça fundamental do sistema distributivo interno da casa.

Um dos problemas que apontamos à cozinha corrente, é o facto de estar numa posição relegada da casa que, na qualidade de “beco sem saída”, não lhe permite estabelecer relações para além das habituais directas ou através do *hall* de distribuição com a sala ou sala de jantar.

A propósito de uma comparação de Alexander Klein⁵⁰ entre os sistemas de distribuição de uma casa convencional e outra funcional (Figura 38), Xavier Monteys⁵¹ discorre acerca das limitações da concepção funcionalista da casa. Com base num diagrama de circulações internas, Klein identifica que a casa convencional cria cruzamentos nas possíveis linhas de circulação que podem originar “choques” entre os habitantes e, com isso, inclusivamente acidentes domésticos; e propõe uma solução que resolve a circulação a partir da determinação da função dos diferentes compartimentos e compressão do espaço central distribuidor. Perante isto, Monteys defende que a solução de Klein suprime a qualidade do espaço central de distribuição que, pela sua dimensão e proporção na casa, mas também pela relação que estabelece com os outros espaços, pode servir outros usos para além da distribuição ou funcionar como extensão de uma qualquer divisão (na medida em que lhe estão todas adjacentes), aumentando as possibilidades internas de apropriação da casa.

Vejamos a proposta de Lluís Nadal para uma casa em Barcelona (Figura 39). O desenho da sala de jantar numa posição central da planta, na qualidade de extensão da sala de estar ao interior da habitação, permite criar uma complexidade no circuito de distribuição dentro de uma casa que, pelas suas dimensões, estaria à partida condicionada a grandes possibilidades neste sentido. Do mesmo modo, para além de desenhar o espaço da



Figura 39. Esquema do Professor Carlos Lameiro sobre planta do Arq. Lluís Nadal (Barcelona, *40 Vivientes a premiá de mar*, 1971). (Disponível em: *Nas cidades ainda podemos viver em cas?...Como?* – Documento de apresentação da Aula 23 do Professor Carlos Lameiro, no 3º ano do Mestrado Integrado em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, em 20 Maio de 2013)

⁵⁰ KLEIN, A. (1980). *Vivienda Mínima 1906-1957*. Barcelona: Gustavo Gili

⁵¹ MONTEYS, X. (2006) *Distribució es un terme massa estret!* in *Quarderns d'Arquitectura i Urbanisme*. nº 250, p.58

entrada, a sala na posição central acrescenta-se aos tradicionais espaços de distribuição e participa na separação entre as partes individuais e colectivas da casa, funcionando ela mesma como elemento de transição. É de notar que, com esta organização interna e se aceitarmos o pressuposto de que é à refeição que provavelmente se juntarão mais vezes os habitantes, porque neste caso concreto a cozinha não o permite, a sala de jantar é, mais do que a sala de estar, o espaço mais colectivo da casa na mesma medida em que é o mais interior.

A cozinha que propomos para o nosso projecto, pretende recuperar qualidades presentes nos casos acima referidos. Da mesma forma, a colocação central da cozinha numa posição interior da casa, acrescenta-se ao sistema de acessos configurando novas relações entre os outros compartimentos. Contudo, a transposição das qualidades referidas para o espaço da cozinha carecem de uma adequação à inevitável especificidade do seu uso primário. Se podemos criticar a posição e o carácter da cozinha na casa na expectativa de a aproximar às necessidades do quotidiano contemporâneo, ao contrário, não podemos negar completamente as razões pelas quais este espaço se constituiu tal como hoje nos chega. O espaço da cozinha tem de poder ser facilmente encerrado - por alguma razão, não se generalizaram em Portugal as *living-kitchen* americanas (duvidamos que seja uma razão meramente regulamentar, há quem defenda que a “cultura do refugado”⁵² mediterrânica vence, ainda hoje, as inovações técnicas de extracção de fumos e maus cheiros). Assim, vale a pena reforçar o que acabámos de referir em relação ao nosso projecto: que a cozinha se acrescenta ao sistema distributivo da casa, enquanto espaço encerrável, constituindo uma alternativa aos dispositivos tradicionais de distribuição, como o espaço de entrada na casa e o corredor dos quartos. Sendo um espaço encerrado que pretende participar na distribuição interna, a estratégia de colocação das

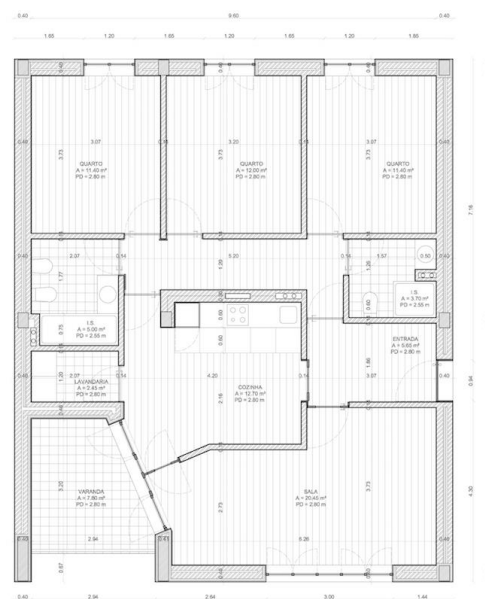


Figura 40. Casa grande. (Desenho do autor)

⁵² Referência a uma expressão utilizada pelo Prof. Jorge Spencer a propósito deste assunto. Pelo carácter informal e divertido da conversa em questão, esta expressão não pretende fazer referência a factos concretos estudados ou verificados mas, ainda assim, parece-nos pertinente no contexto em que se insere no sentido de levantar uma intriga em relação ao tema.

portas é essencial ao êxito da centralização da cozinha que propomos.

“As portas podem ser o elemento sobre o qual se projecta uma série de ideias com o propósito de reabitar as nossas casas, mais do que as reabilitar.”⁵³

As portas têm a dupla capacidade evidente de encerrar um espaço e criar fronteiras, e de se abrir para estabelecer continuidades e comunicação. Um espaço fechado isolado no deserto será uma casa de uma só divisão, mas o mesmo espaço numa casa, quando posto em relação a outras divisões, é um quarto ou uma sala. Então, é da relação entre os diferentes compartimentos da casa, por via da cultura da habitação, que se estabelecem os usos da maior parte dos espaços da casa. Neste contexto, as portas têm a capacidade de gerar várias possibilidades de apropriação que se sobrepõe num mesmo espaço, mais uma vez como no pensamento funcionalista, se este não se relacionar exclusivamente com o que é estritamente necessário para a activação do um uso específico.

Abaixo enumeramos as relações que a cozinha estabelece com outros compartimentos interior doméstico da nossa proposta, conscientes de que no seu conjunto e perante a imprevisibilidade dos modos de habitar a casa, estas relações podem estabelecer nexos que não conseguimos prever:

- espaço da entrada – Esta porta corresponde à convencional relação da cozinha com o espaço de entrada que, recorrentemente, faz a transição entre as partes colectivas das salas e o mundo mais privado dos quartos e das casas de banho; contudo, invocamos o sentido das portas entre salas do século XVIII, maiores em dimensão e que permitem relação visual mesmo quando fechadas, no sentido de fazer corresponder o ponto de vista da escala do desenho da porta ao carácter fundamental que propomos para a cozinha;

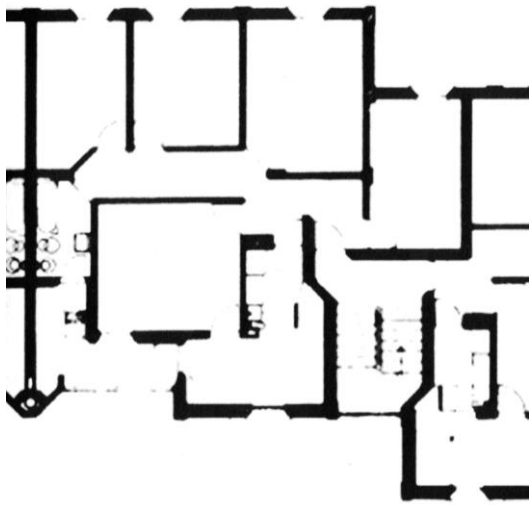


Figura 41. Olivais Sul, célula C, Arq. Vítor Figueiredo. (Disponível em: ARENGA, N. (2012) *Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. Lisboa: Circo de Ideias, p. 72)

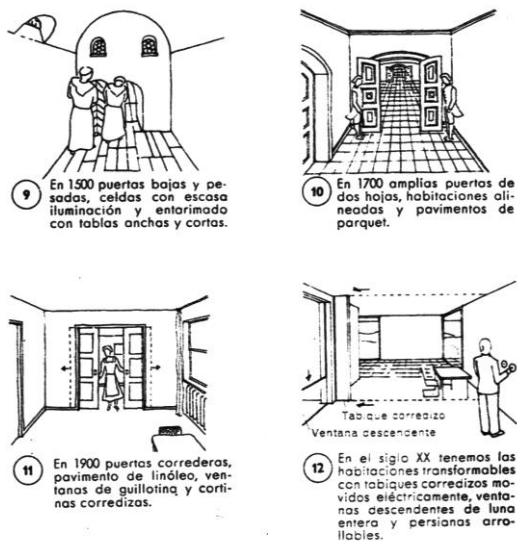


Figura 42. Ilustração de tipos de portas de Ernst Neufert. (Disponível em: GRUPO DE INVESTIGACIÓN HABITAR (2011) *Rehabitar en nueve episodios*. Madrid: Ministerio de Fomento, p. 190)

⁵³ GRUPO DE INVESTIGACIÓN HABITAR, Op. Cit., p. 181 (tradução livre do autor)

- Sala – Esta porta refere-se à recorrente relação directa que se estabelece entre a cozinha e a sala de jantar ou, nos casos em que este espaço não se encerra, à sala;
- Varanda – Assim como se pretende que a varanda se estabeleça como um prolongamento da sala enquanto parte colectiva exterior da casa, no papel de espaço de reunião e permanência como é o da cozinha que propomos, a relação da cozinha com o exterior é da ordem da mesma relação com a sala;
- Tratamento de roupas – Como veremos no capítulo 4.5., esta é uma relação inevitável;
- Quartos – Esta é talvez a relação mais inédita que conferimos à cozinha. Com uma porta evitamos o corredor dos quartos como uma “rua com fim” e com isso multiplicamos as possibilidades de acesso entre partes colectivas e individuais da casa. Imaginámos que esta possibilidade de relação franca com a intimidade da casa, pudesse promover o carácter fundamental da cozinha no quotidiano, com a possibilidade de se chamar alguém que está no quarto a partir da cozinha ou de se aceder directamente, por exemplo, a meio da noite.

4.4. Incremento de área

“Com efeito, as quantidades de espaço ou equipamento são, em primeira análise, função de exigências físicas das actividades e estas das características antropométricas e mecânicas das acções. Esta primeira análise não é, porém, suficiente: sabe-se que há exigências psicossomáticas que se não sobrepõem ou cabem, necessariamente, dentro do contorno descrito e que podem causar insatisfação e perturbações mesmo quando possa dispor-se do espaço mínimo necessário para o desenrolar de uma actividade.”⁵⁴

⁵⁴ PORTAS, N. (1969). *Funções e exigências de áreas da habitação*. Lisboa: LNEC, p. 9

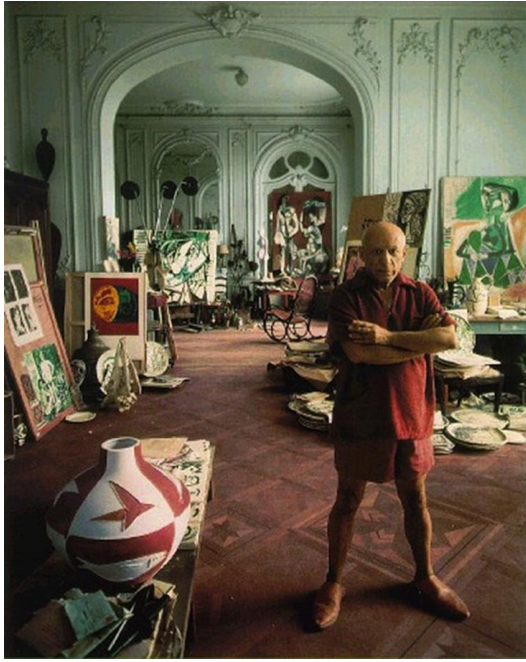


Figura 43. Fotografia de Arnold Newman, 1954. (Disponível em: blog.ricecracker.net)

Idealmente todos teríamos o infinitamente apropriável espaço da casa/estúdio do Picasso na Riviera Francesa, mas estamos situados no contexto da *habitação corrente* (ver último parágrafo do capítulo *Oportunidade, actualidade e pertinência*) e a proposta de aumentar o espaço da cozinha tem uma repercussão imediata na proporção das peças que constituem a casa. Concretamente, o incremento da área da cozinha encontra constrangimentos no confronto com o problema da duplicação dos espaços de refeição. A nossa proposta não nega uma apropriação menos amarrada à cultura corrente, que passaria por trazer a mesa de refeições para a cozinha e, em limite, apagar o espaço destinado a refeições na sala. Contudo, aceitamos que para um número significativo de famílias em Portugal, segundo Portas com maior expressão nas “camadas populares”⁵⁵, se conserve o hábito de reservar a sala de jantar sobretudo para refeições formais, importantes numa atitude de prestígio para com o exterior da família. Da mesma maneira, são também estes casos que hipoteticamente mais se servem de espaços que não a sala de jantar para as refeições correntes; porque na média e alta burguesia, a cultura de apropriação da casa relaciona-se mais com pressupostos de maior abundância de espaço e, com isso, uso corrente de uma divisão específica para as refeições. Então, sugerimos acrescentar à relação directa entre a cozinha e a sala que já referimos, um desenho da sala que, sem a dividir definitivamente, enuncia a possibilidade de criar duas instâncias.

*“As pessoas pediam-me casas com cozinhas maiores, ainda que para isso tivessem de abdicar de área da sala...provavelmente tanto filhos como netos dessas pessoas ainda usam e preferem essas cozinhas.”*⁵⁶

Se propomos concentrar na cozinha outros usos que estão para além daqueles que são os primários da cultura da apropriação deste espaço e que, a certo ponto, não são por nós previsíveis e por isso mensuráveis em quantidade de espaço necessário, e se é exactamente para a dimensão que vai a crítica mais imediata à

⁵⁵ Idem, p. 38

⁵⁶ PORTAS, N. *Em: Portugal de...Nuno Portas*, Arquivo de Arquitectura da RTP (Disponível em: <http://www.rtp.pt/arquivo/?headline=14&visual=5&tm=22>)

cozinha corrente, então julgamos poder dizer que é pertinente informar o nosso desenho à luz da definição de ambiguidade funcional.

“Os espaços funcionalmente ambíguos correspondem àqueles espaços cuja definição arquitectónica não é definidora do seu conteúdo funcional. (...) Os espaços ambíguos são assim, espaços que podem ser utilizados de várias maneiras (...).”⁵⁷

Contudo, a análise da cozinha neste sentido apresenta uma dicotomia: por um lado pretende-se que seja um espaço multifuncional e estabelece-se um sistema de relações que promovam isso mesmo; por outro, a cozinha (e as casas de banho) é o espaço cuja definição do uso, ou de parte dele no nosso caso, tem inevitavelmente de ser assegurado à partida pelo equipamento de que se serve. Perante isto, recorreremos ao desenho de Xavier Monteys (Figura 44) que refere as vantagens económicas e de maior identidade pela participação do habitante na sua construção ao longo do tempo, de equipar a cozinha só com a bateria indispensável de equipamento ao seu bom funcionamento, em vez de se estabilizar, à partida, uma apropriação total e definitiva do espaço.

4.5. Varanda e tratamento de roupas

Uma cozinha elevada à posição de lugar central da casa, implica a sobreposição de acções domésticas no tempo e no espaço que podem não ser absolutamente compatíveis. Em países nórdicos, por exemplo, o tratamento de roupas faz-se regularmente nas casas de banho. Contudo, em Portugal, provavelmente porque o clima o permite, podemos registar uma tradição de lavar mas sobretudo de secar a roupa no exterior. Hoje em dia, são poucas as casas que não definem o tratamento de roupas na cozinha, num espaço contíguo à cozinha ou em apropriações clandestinas das varandas. Como durante os dias de trabalho os períodos em casa



Figura 44. Esquema desde a cozinha totalmente equipada até à que só integra o equipamento essencial, desenho de Xavier Monteys. (Disponível em: MONTEYS, X.; FUERTES, P. (2011) Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: Gustavo Gili, p. 103)

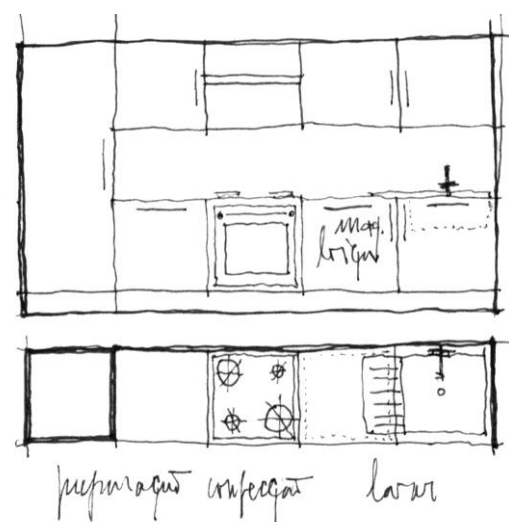


Figura 45. Bateria de equipamento proposto para a cozinha. (Desenho do autor)

⁵⁷ SILVA, A. (2013) *A organização interna da casa – entre a rigidez e as possibilidades funcionais na habitação*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Tese de mestrado.

se concentram à noite, então o tratamento de roupas e a refeição podem sobrepor-se frequentemente. Por isso, da mesma maneira que as questões de proximidade do ponto de vista prático se põem entre as duas acções neste contexto, não é melhor que a roupa lavada e o cheiro da comida se misturem. Então, procuramos garantir a possibilidade que o tratamento de roupas se faça a partir da cozinha mas com a ressalva referida.

Contemporâneo, crianças e varandas são as novidades de exterior da IKEA

Com o mote "Viva mais lá fora", a IKEA aposta uma vez mais em força na oferta de mobiliário e decoração para exteriores. Este ano, as novidades centram-se no estilo contemporâneo, nas crianças e nas varandas.

Figura 46. *Público Imobiliário* - suplemento do jornal *Público* do dia 25 de Junho de 2014, p. 10

Por outro lado, como vimos anteriormente, propomos que o espaço da varanda continue o carácter de permanência tanto da sala como da cozinha para o exterior, e que as interligue a partir daí mais uma vez. Para que se possa dar o caso de quem está na cozinha tenha a possibilidade de vigiar os filhos que estão a fazer recreio na varanda, ou que se tenha permanentemente uma mesa no exterior, é da nossa intenção desenhar um espaço exterior que excede os limites regulamentares impostos. Com efeito, passado algum tempo sobre a regulamentação das *marquises*, surgem agora indícios que sugerem uma crescente preocupação com os espaços exteriores da casa (Figura 46).

Assim, sugerimos que a partir da cozinha da *casa grande* se possa aceder a um espaço destinado ao tratamento de roupas que por estar anexado à varanda recebe ventilação directa do exterior; na *casa pequena* o tratamento de roupas faz-se na antecâmara entre a casa de banho e a cozinha, e o exterior nos casos em que há varanda.

Considerações finais

Parece-nos claro que, hoje, são verificáveis expressões a vários níveis que justificam que se levante a questão: não estaremos perante um tempo que elege *A cozinha como lugar fundamental da casa contemporânea*? Esta investigação propõe uma abordagem ao interior doméstico urbano a partir de necessidades do quotidiano português que nos parecem emergentes.

A ideia de constituir a cozinha como centro da vida doméstica não é inédita, contudo, continuamos a assistir a uma padronização da concepção da habitação que reproduz uma herança de modelos desajustados aos modos de vida de hoje. Concretamente em relação à cozinha, este espaço continua subdimensionado e relegado a posições no interior doméstico que não consideram possibilidades colectivas que entendemos serem fundamentais, e que, por isso, não parecem corresponder às expectativas em relação à casa dos homens do nosso tempo.

Se a concepção determinista da casa só apareceu com o Modernismo, foi logo no princípio da compartimentação do interior doméstico que a cozinha se constituiu como o espaço mais especializado, por razões de higiene e segurança que determinaram definitivamente durante séculos o divórcio entre esta divisão funcional (referida quase como um “mal necessário”) e o resto da casa. Depois, a transformação do espaço da cozinha esteve sobretudo ligada ao papel da mulher na família e na sociedade que, se não até hoje, até há bem pouco tempo detinha a exclusividade da sua administração.

Agora, são os sintomas de uma nova estrutura familiar menos hierarquizada e a progressiva igualdade de sexos, assim como aspectos sociológicos relacionados a individualização da sociedade, que tornam clara a necessidade de reinterpretar a casa a partir de modelos que promovam sentidos de colectividade.

Nesta altura, não será arriscado assumir que nos interessa recuperar algumas características da casa/cozinha medieval para o projecto que propomos. Este modelo comporta grande parte das



Figura 47. Fotograma de uma cena de almoço na cozinha do filme *The Dreamers* de Bernardo Bertolucci, 2003. (Disponível em: satorijournal.com/the-dreamers)

qualidades que procuramos imprimir no desenho da nossa casa, desde dimensões simbólicas de relação com o fogo e de reunião até à multifuncionalidade do espaço. Acrescentando, a nossa estratégia para a constituição de uma cozinha nuclear, passa por estabelecê-la como peça fundamental do sistema de distribuição na organização interna da casa.

Se aceitássemos concluir em tom menos polémico que divertido, ser-nos-ia possível dizer que, em certa medida e conceptualmente, este trabalho propõe questionar a evolução natural da casa: negamos a evolução natural que criou um novo espaço contido e relegado para a cozinha e propomos que a cozinha fique no centro onde sempre esteve; e que as outras divisões se disponham à sua volta como secundárias e mais novas que são.

Certamente, nada do que aqui é dito é novo. Não desenvolvemos este trabalho com a pretensão de tentar encerrar uma solução para a questão que levantamos e, dadas as limitações desta investigação e das capacidades do autor, talvez nem estejamos a contribuir para a circunscrição de uma resposta, então, restam-nos a expectativa e o desejo de que este estudo seja capaz de se aliar ao caminho que levará à melhor formulação de algumas perguntas sobre o interior doméstico urbano.

Bibliografia

AICHER, O. (2004) *La cocina para cocinar – El final de una doctrina arquitectónica*, Barcelona: Gustavo Gili

ARENÇA, N. (2012) *Vitor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. Lisboa: Circo de Ideias

CLARISSE, C. (2004) *Cuisine, rechettes d'architecture*. Besançon: Editions de l'Imprimeur

FERNÁNDEZ-GALIANO, L. (1991) *El fuego y la memoria*. Madrid: Alianza

GONÇALVES, F. (1983) *Fundamentos para uma normativa urbanística portuguesa*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Tese de Especialidade.

GRUPO DE INVESTIGACIÓN HABITAR (2011) *Rehabitar en nueve episodios*. Madrid: Ministerio de Fomento

HERTZBERGER, H. (2006). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes

KLEIN, A. (1980). *Vivienda Mínima 1906-1957*. Barcelona: Gustavo Gili

MARTÍ, C. (1995) *La casa y la ciudad, realidades inseparables*, in AV Monografias 56

MONTEYS, X. (2006) *Distribució es un terme massa estret!* in Quaders d'Arquitectura i Urbanisme, nº 250

MONTEYS, X.; FUERTES, P. (2011) *Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: Gustavo Gili

PARÍZIO, I.; SUST, X. (2000). *La vivienda contemporánea*. Barcelona: ITeC

PEREIRA, L. V. (1984) *Inquérito à habitação urbana*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil

PORTAS, N. (1969). *Funções e exigências de áreas da habitação*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil

REIS, N. (2009) *O saguão na habitação urbana – O interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Tese de Doutoramento.

RYBCZYNSKI, W. (1986). *La casa, Historia de una idea*. Madrid: NEREA

RYKWERT, J. (1974) *La casa de Adán en el paraíso*. Barcelona: Gustavo Gili

RUA, M. H. (1998). *Os Dez Livros de Arquitectura de Vitruvius*. Lisboa: Hrua

SILVA, A. (2013) *A organização interna da casa – entre a rigidez e as possibilidades funcionais na habitação*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Tese de mestrado.

VENTURI, R. (2004) *Complexidade e Contradição em Arquitectura*. 2a Ed. São Paulo: Martins Fontes

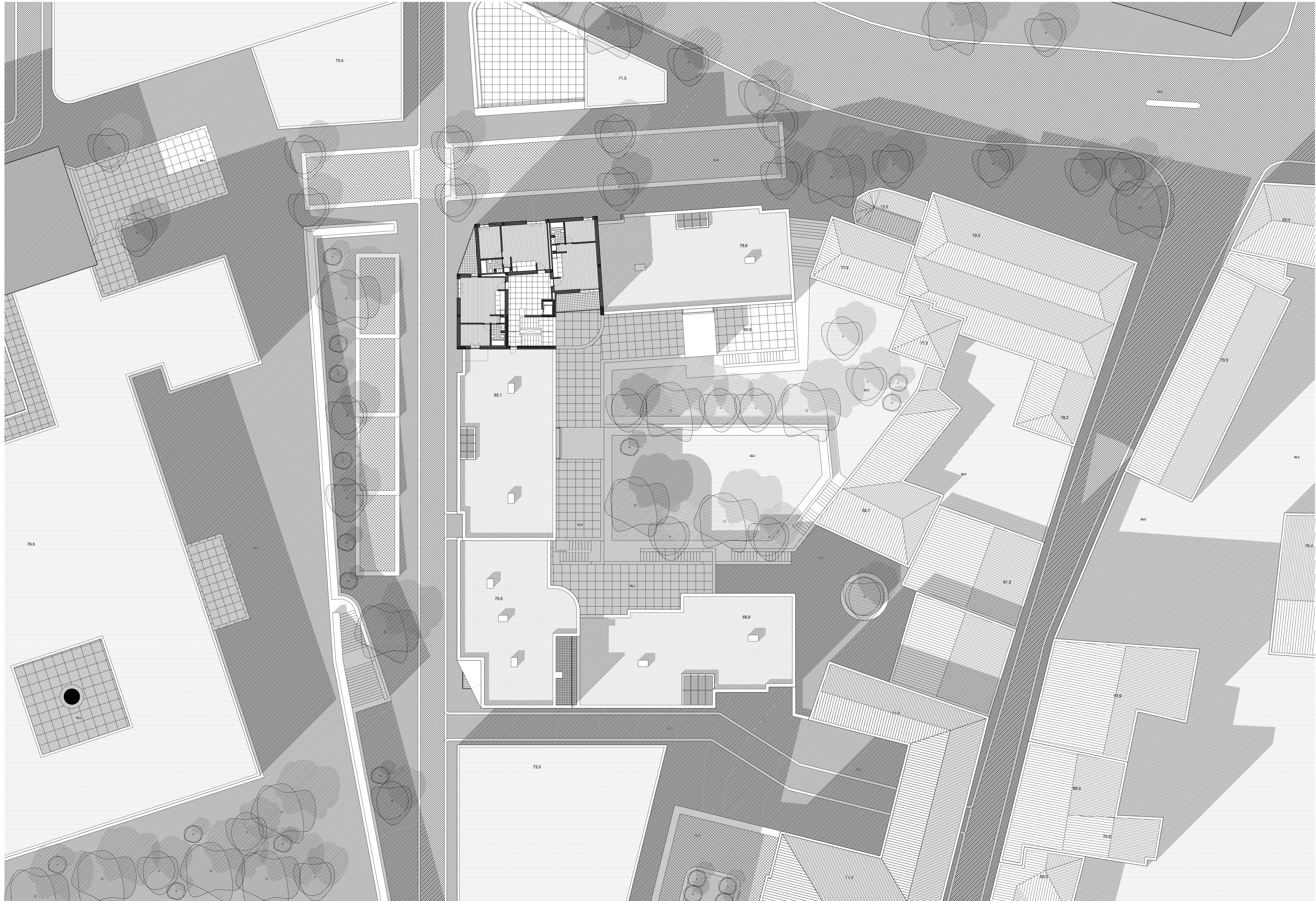
WILDMAN, M. (2000) *An Historical View of Frank Lloyd Wright's Usonian Concept*. Housing Seminar 1 ARC 301-630A

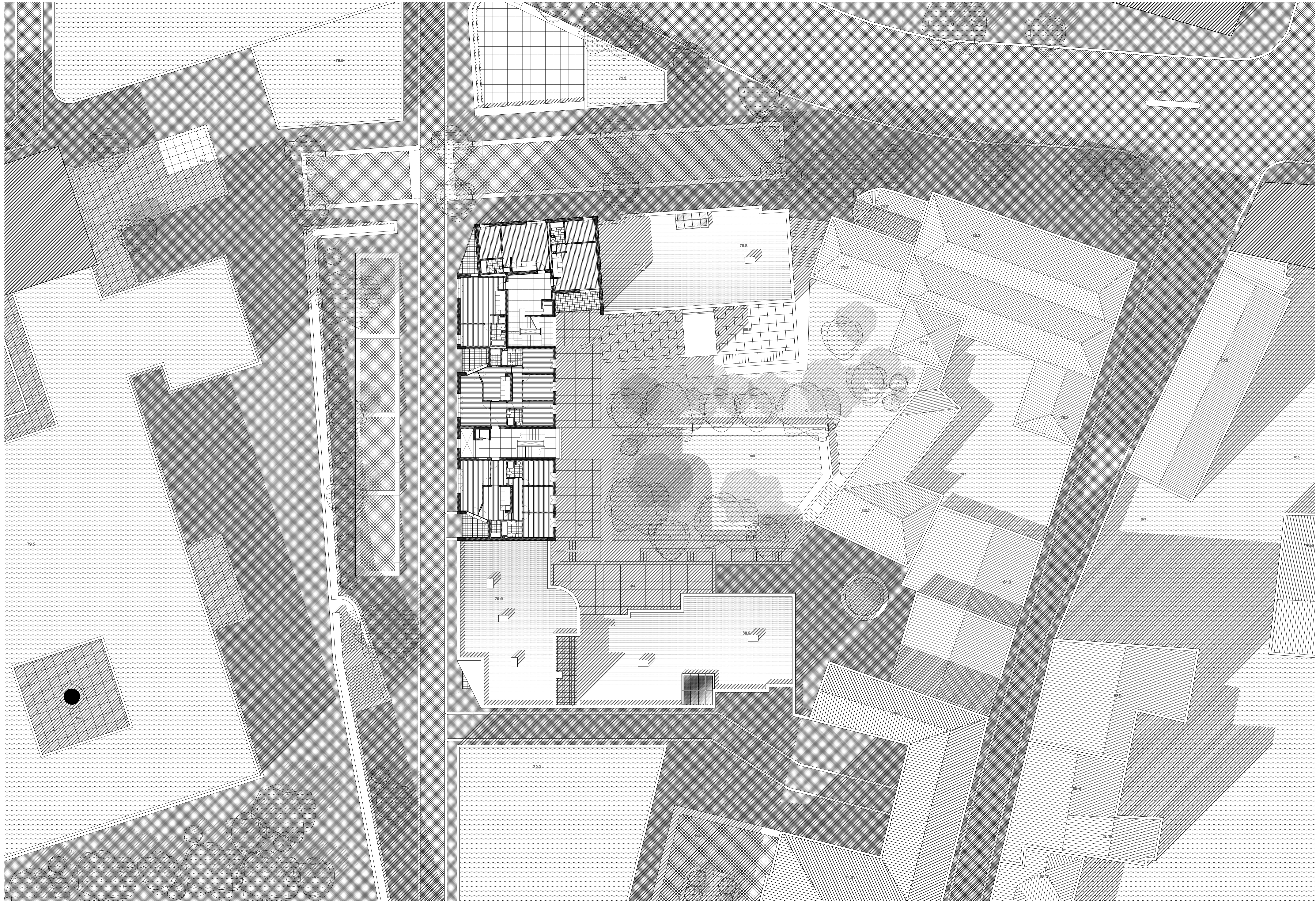
ZABALBEASCOA, A. (2011) *todo sobre la casa*. Barcelona: Gustavo Gili

Suplemento gráfico



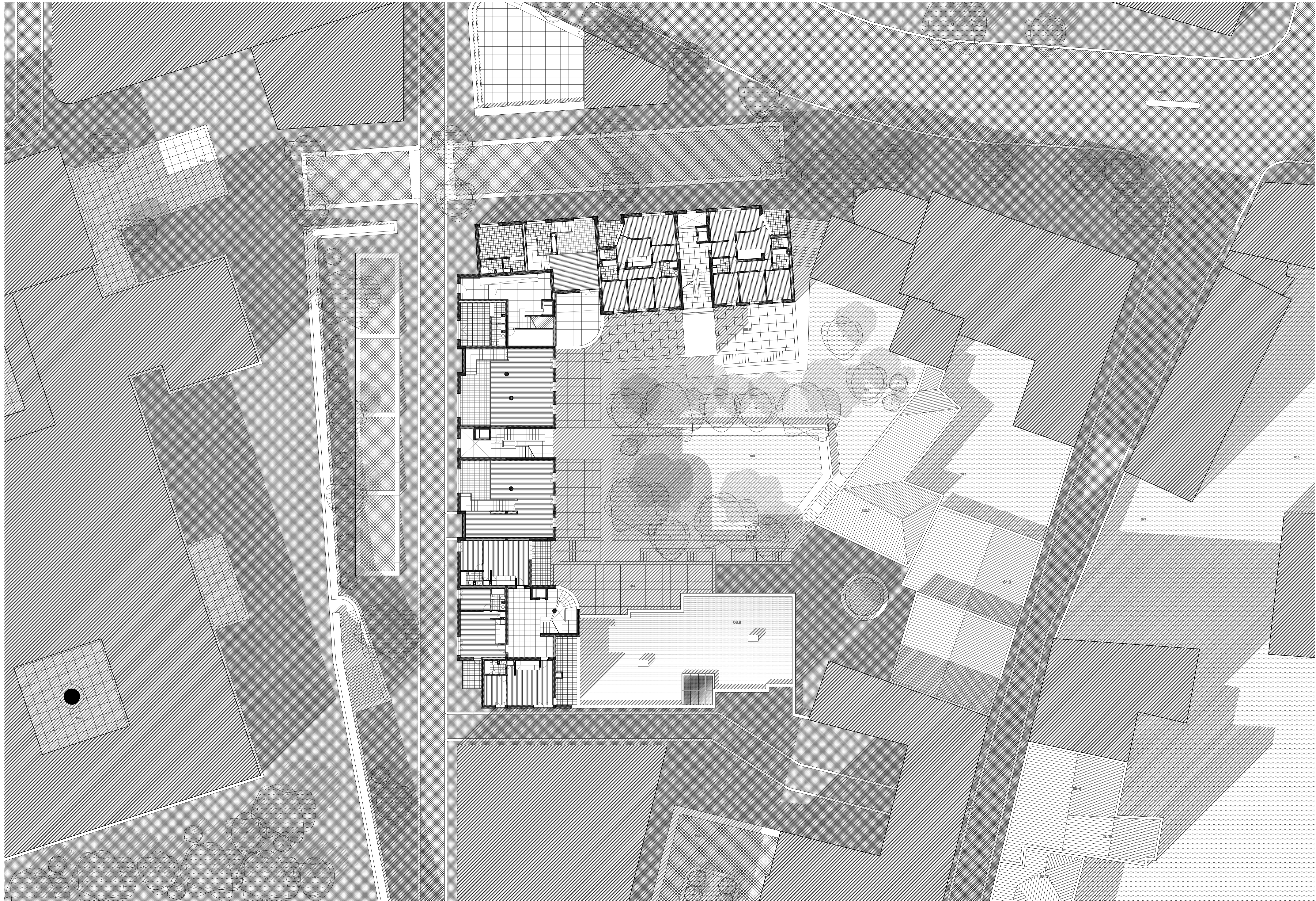




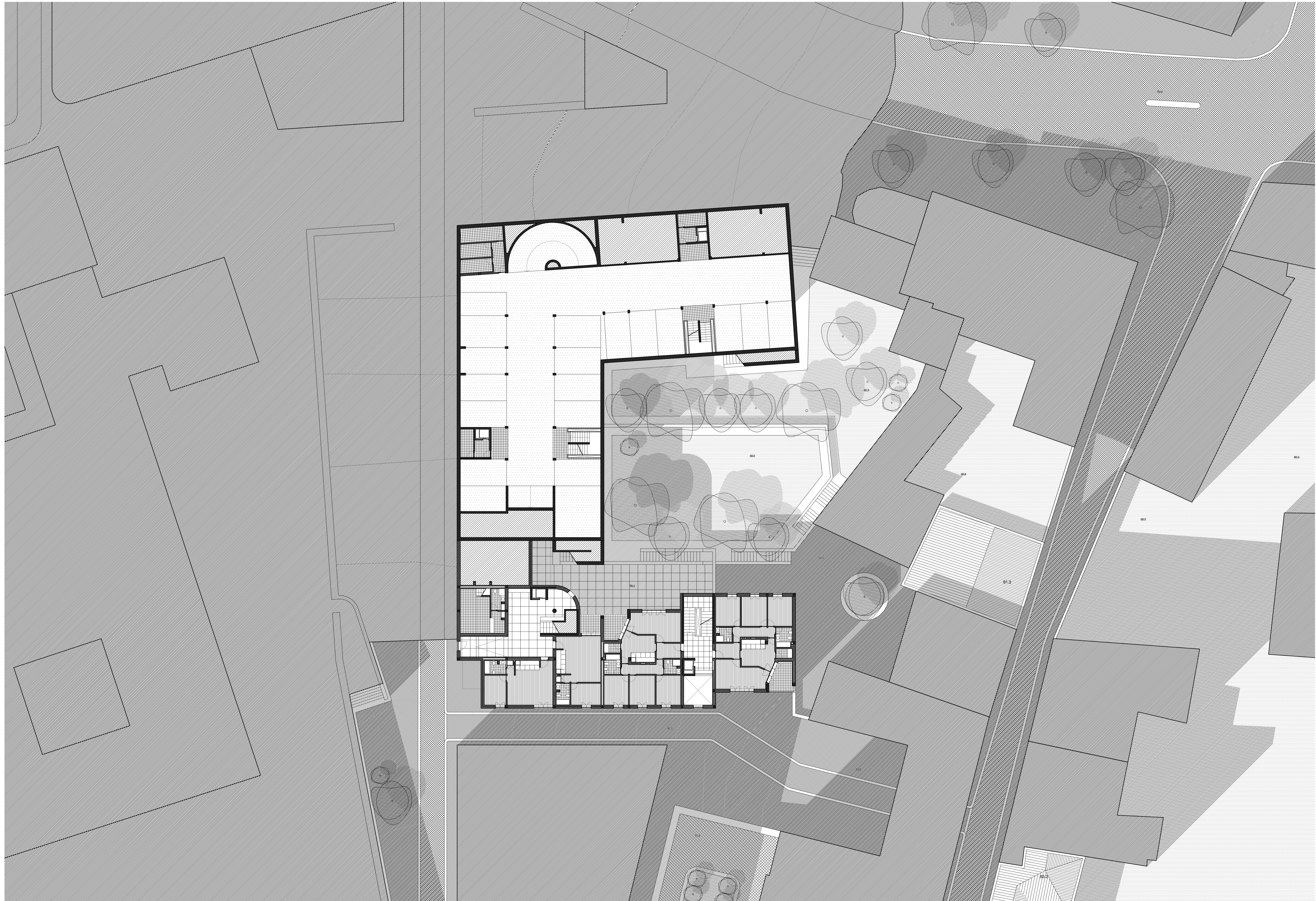


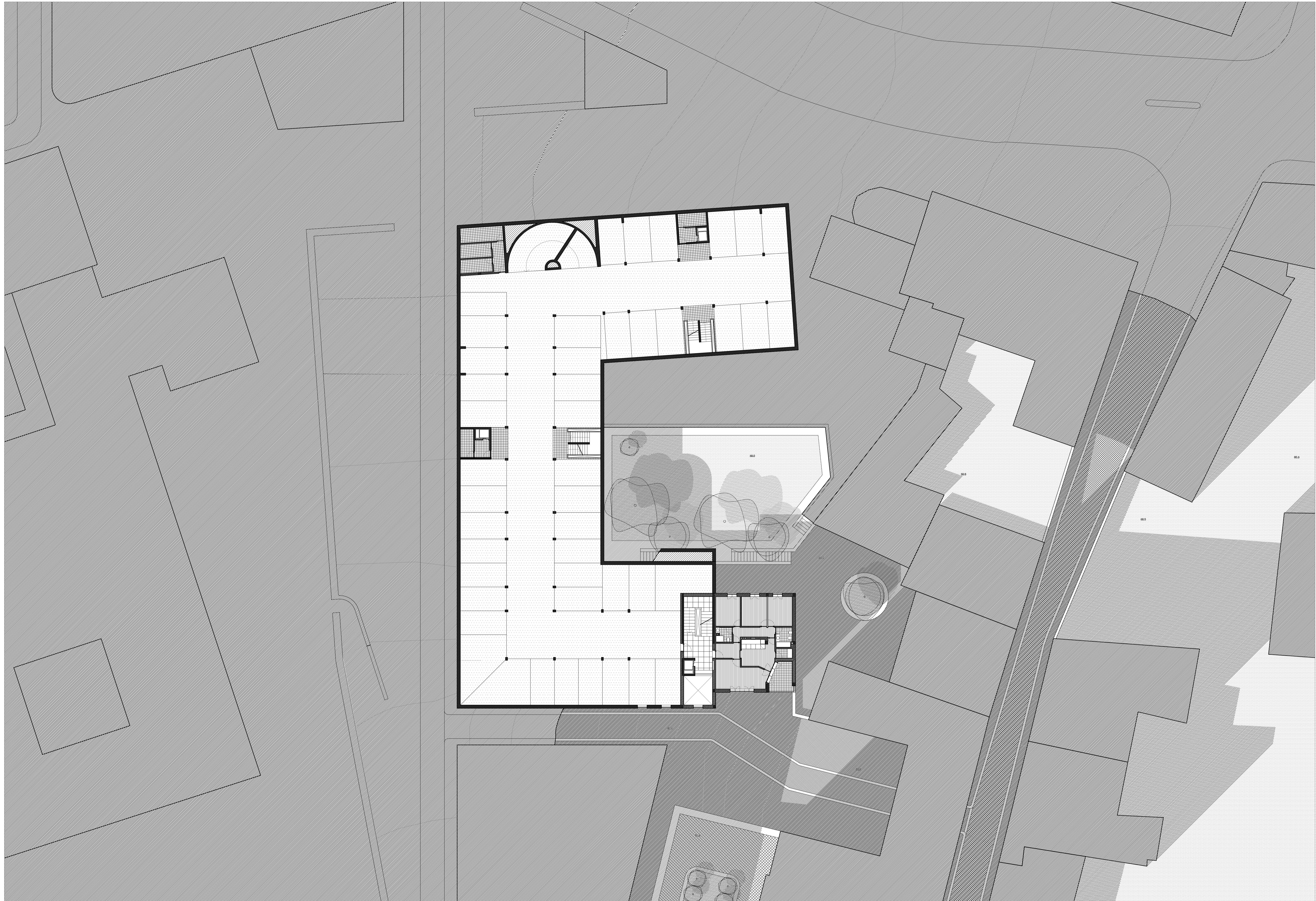


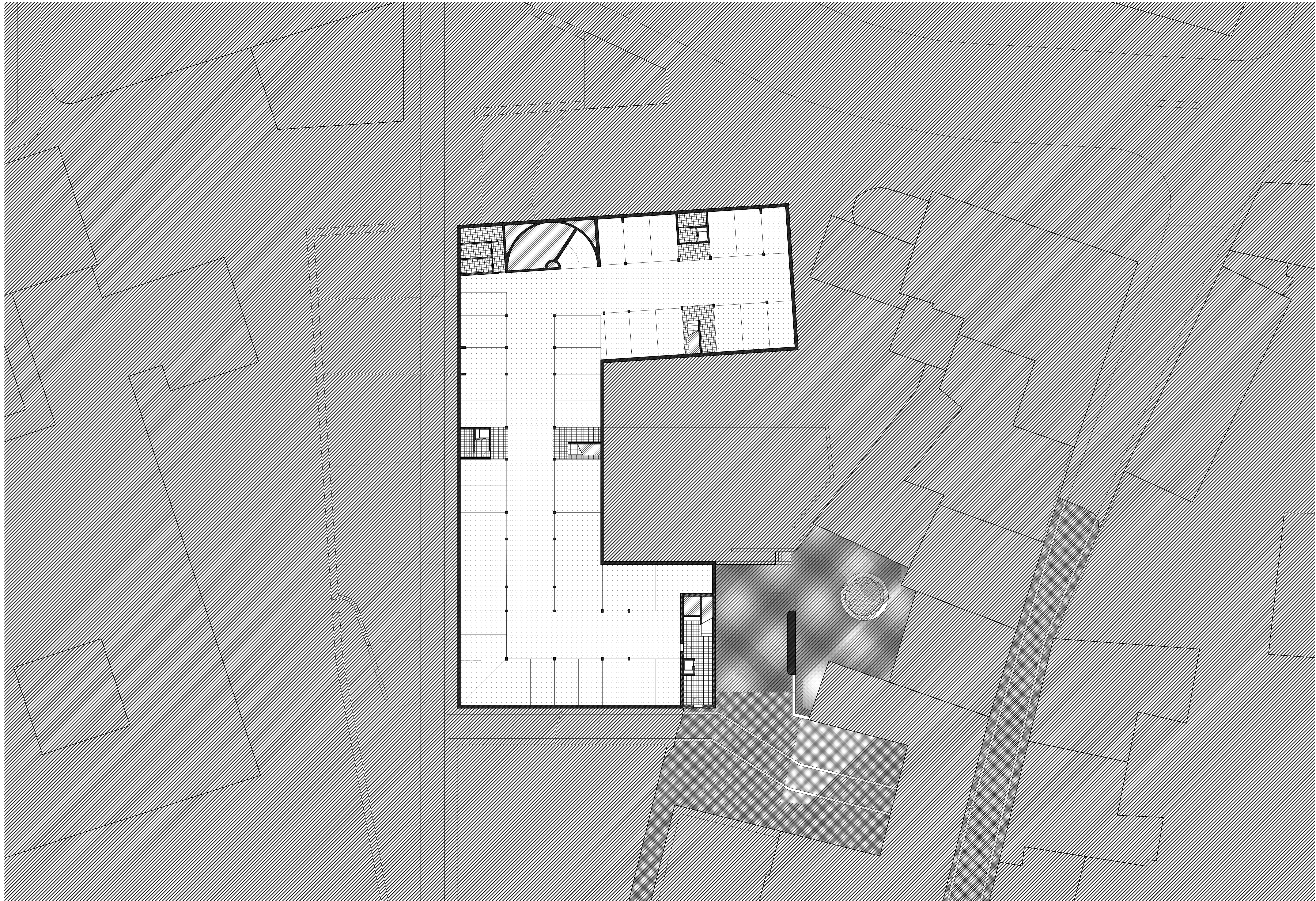


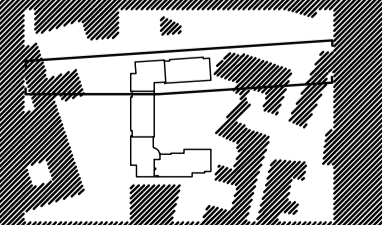


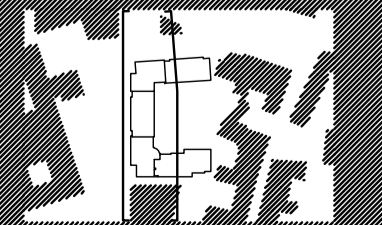
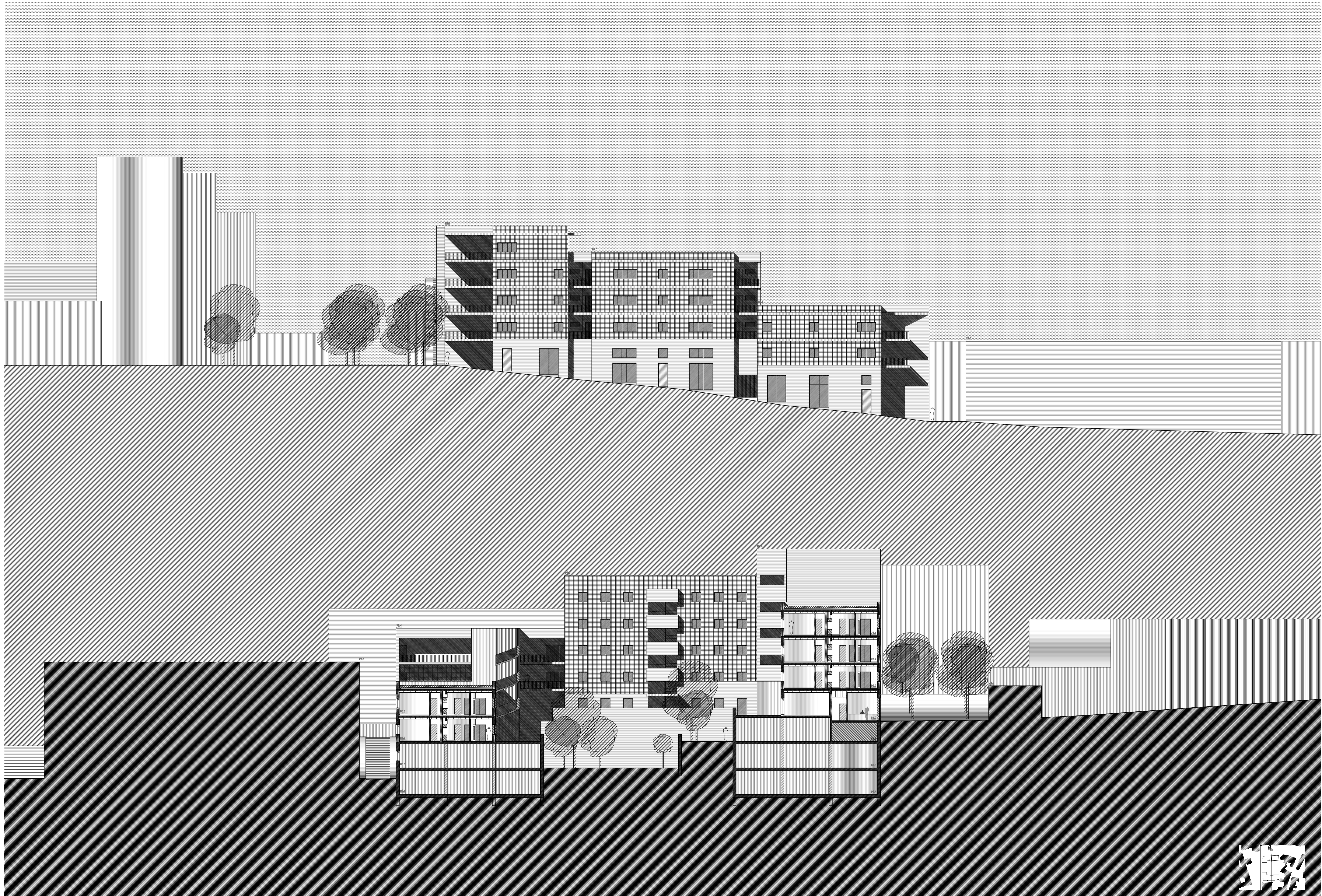


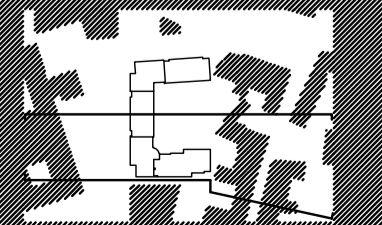
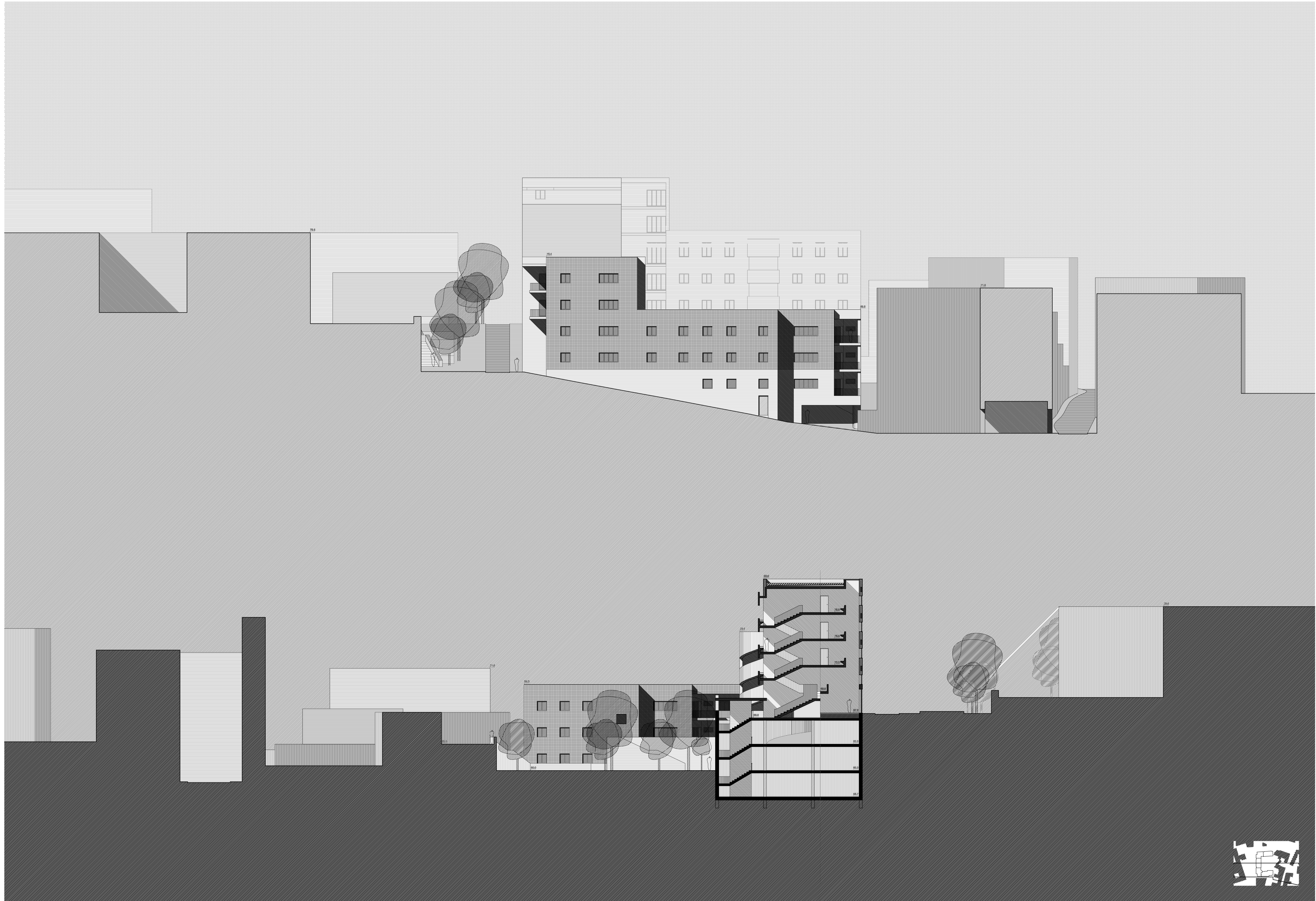


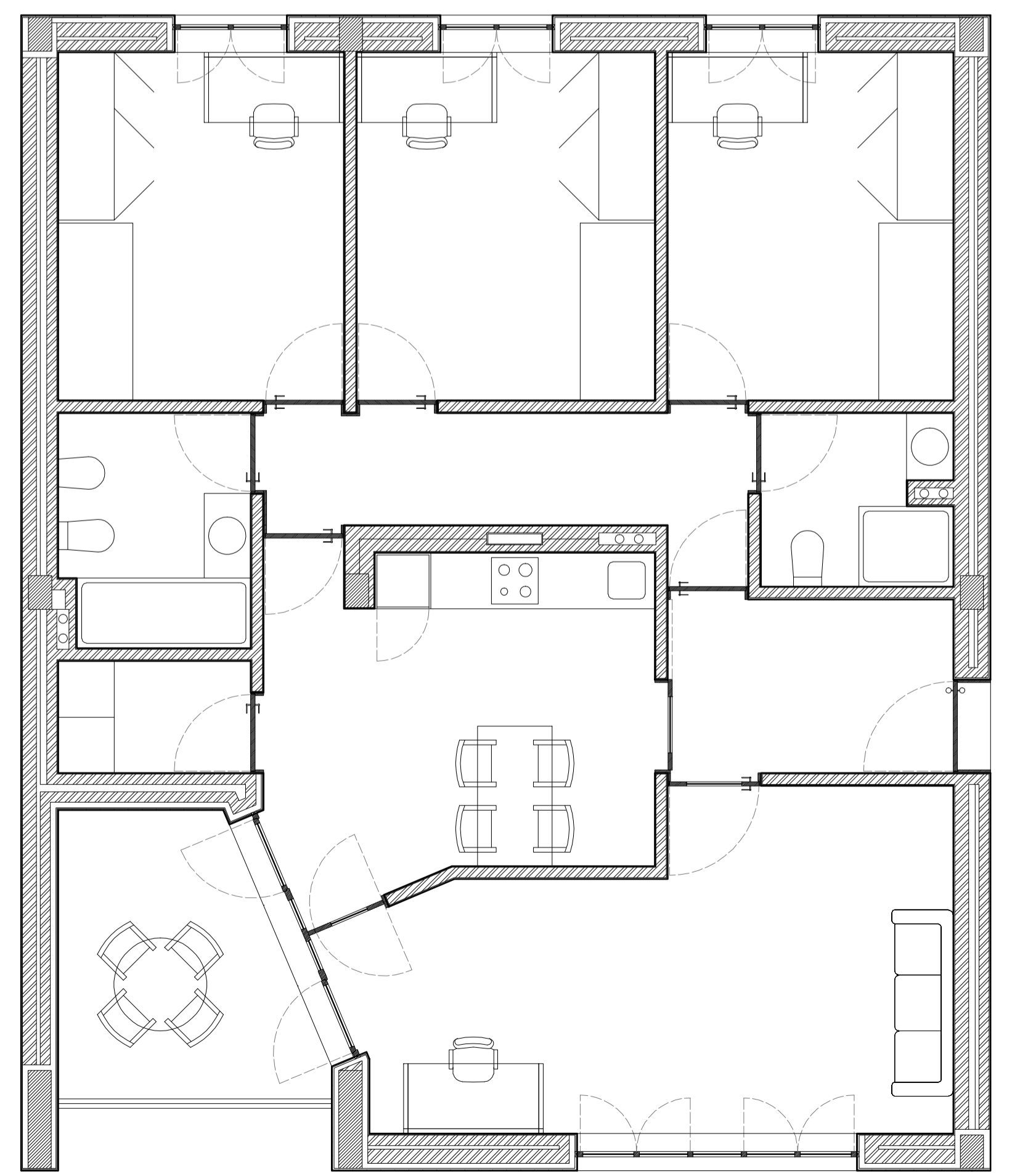
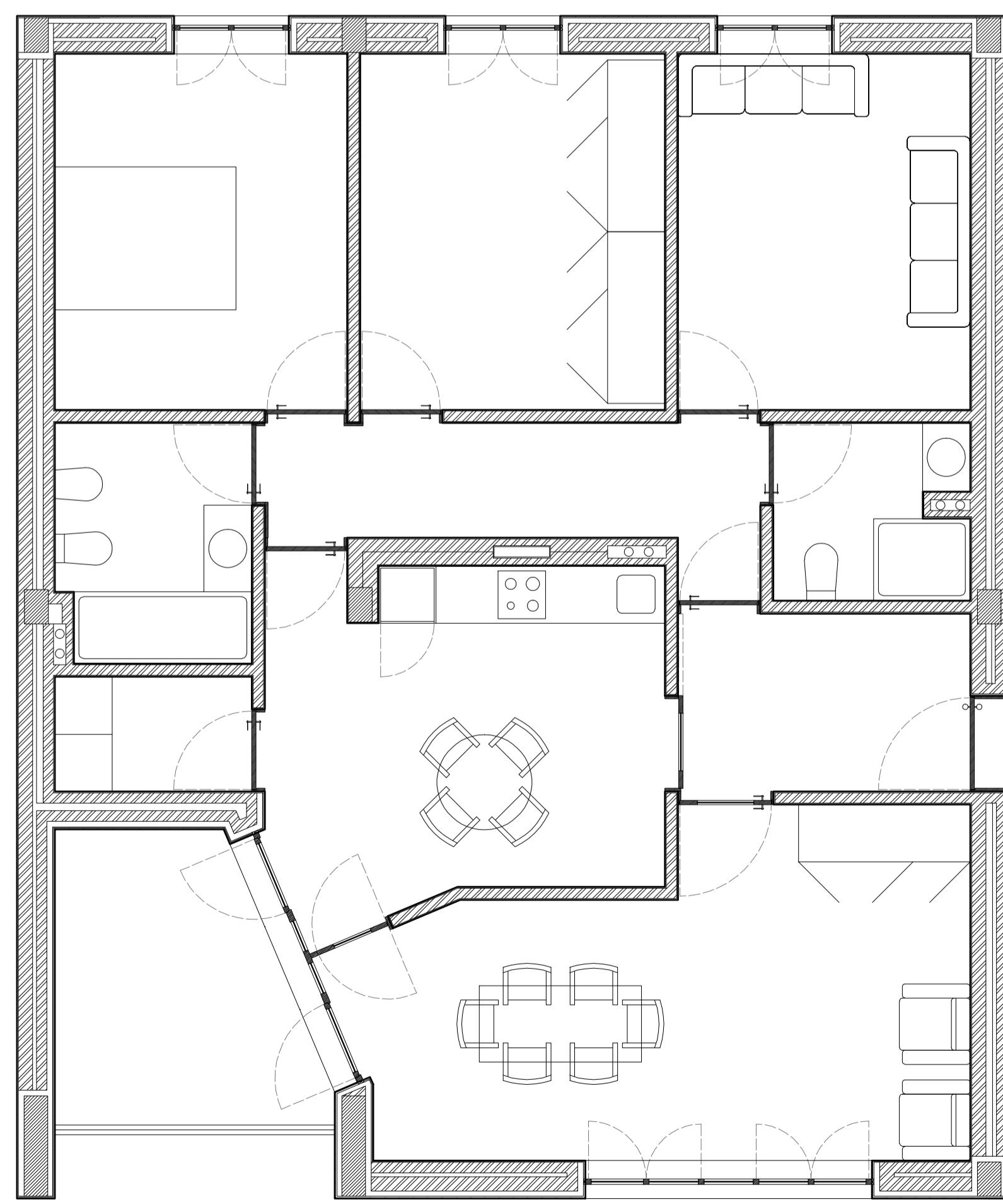
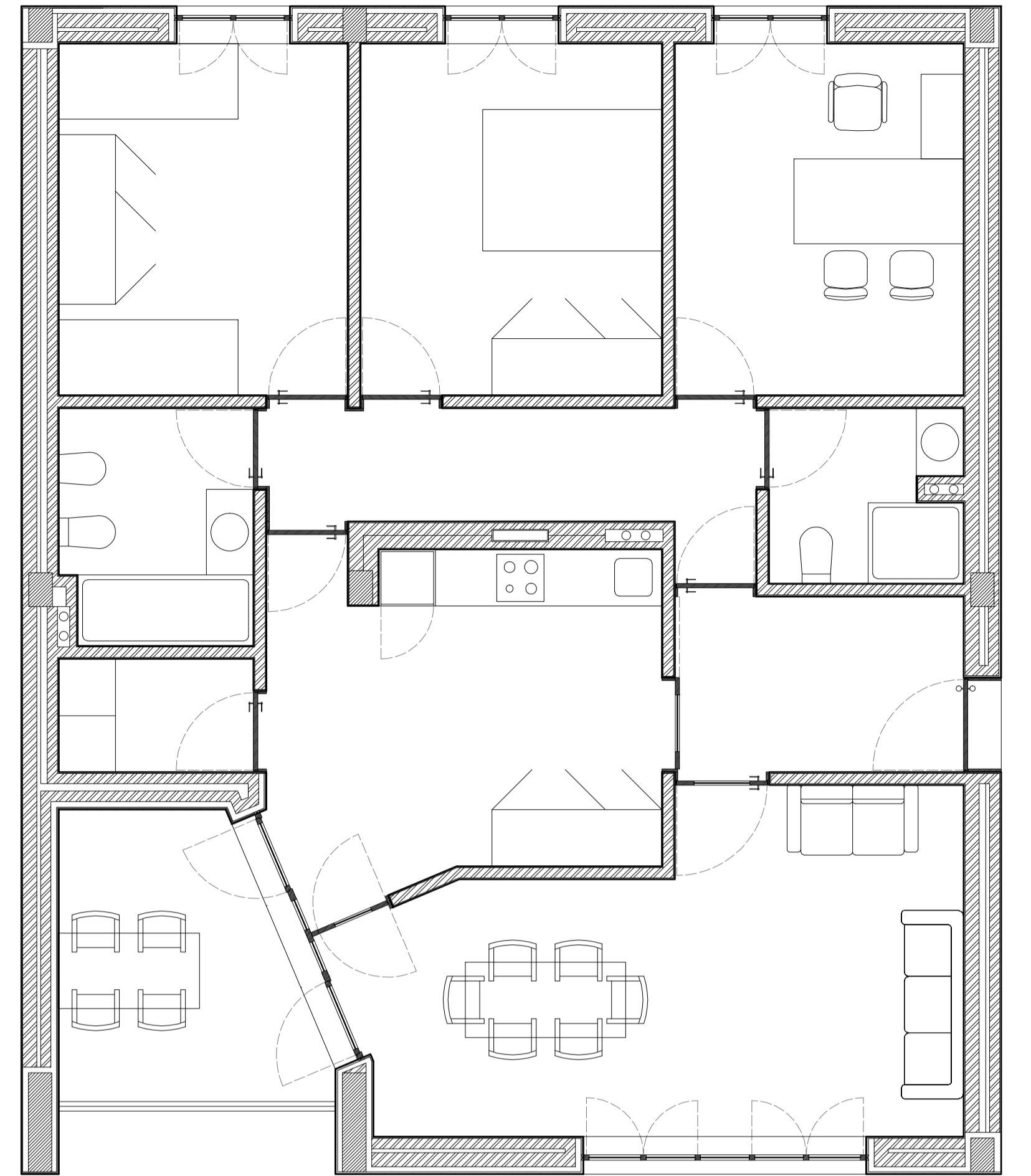
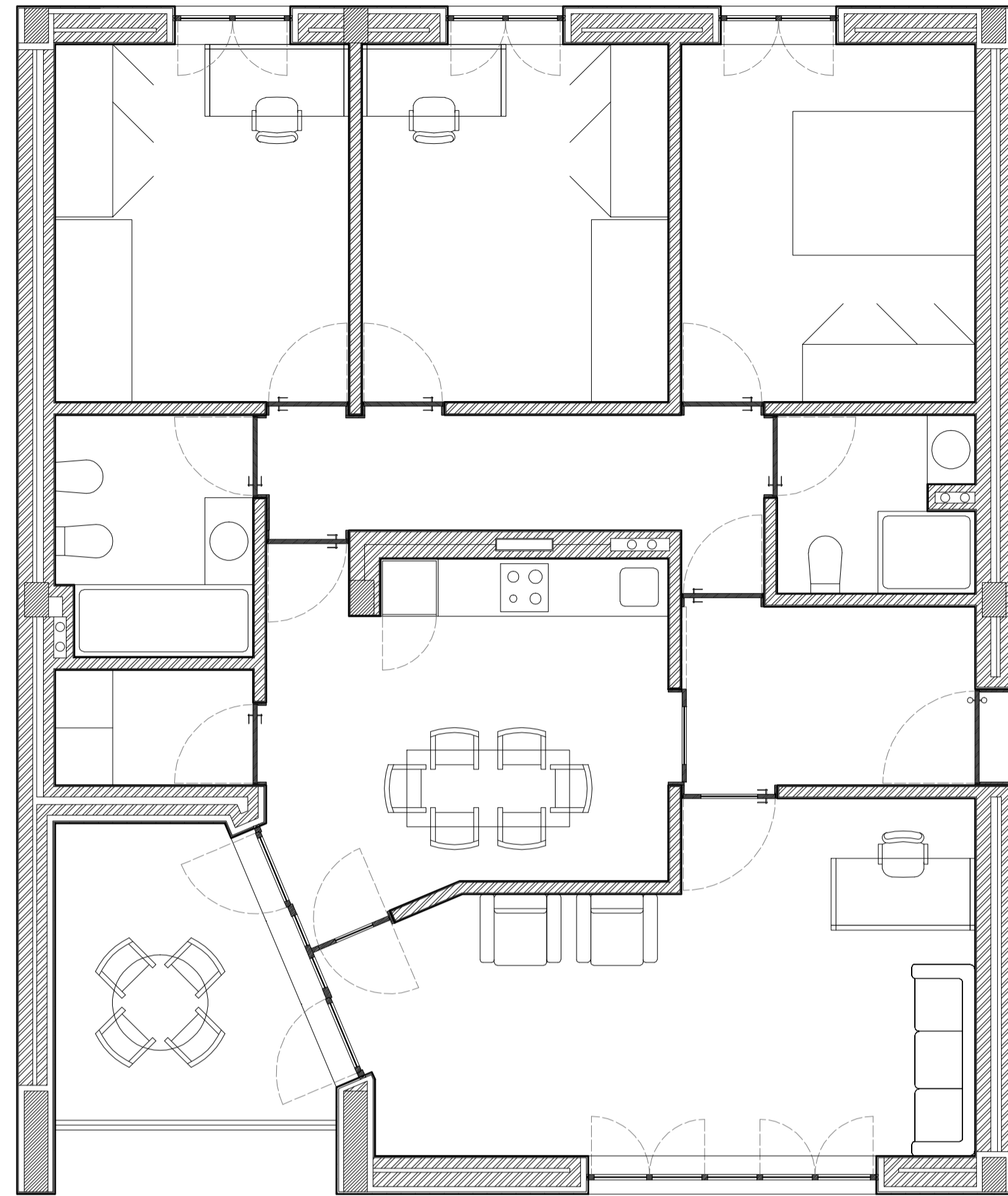
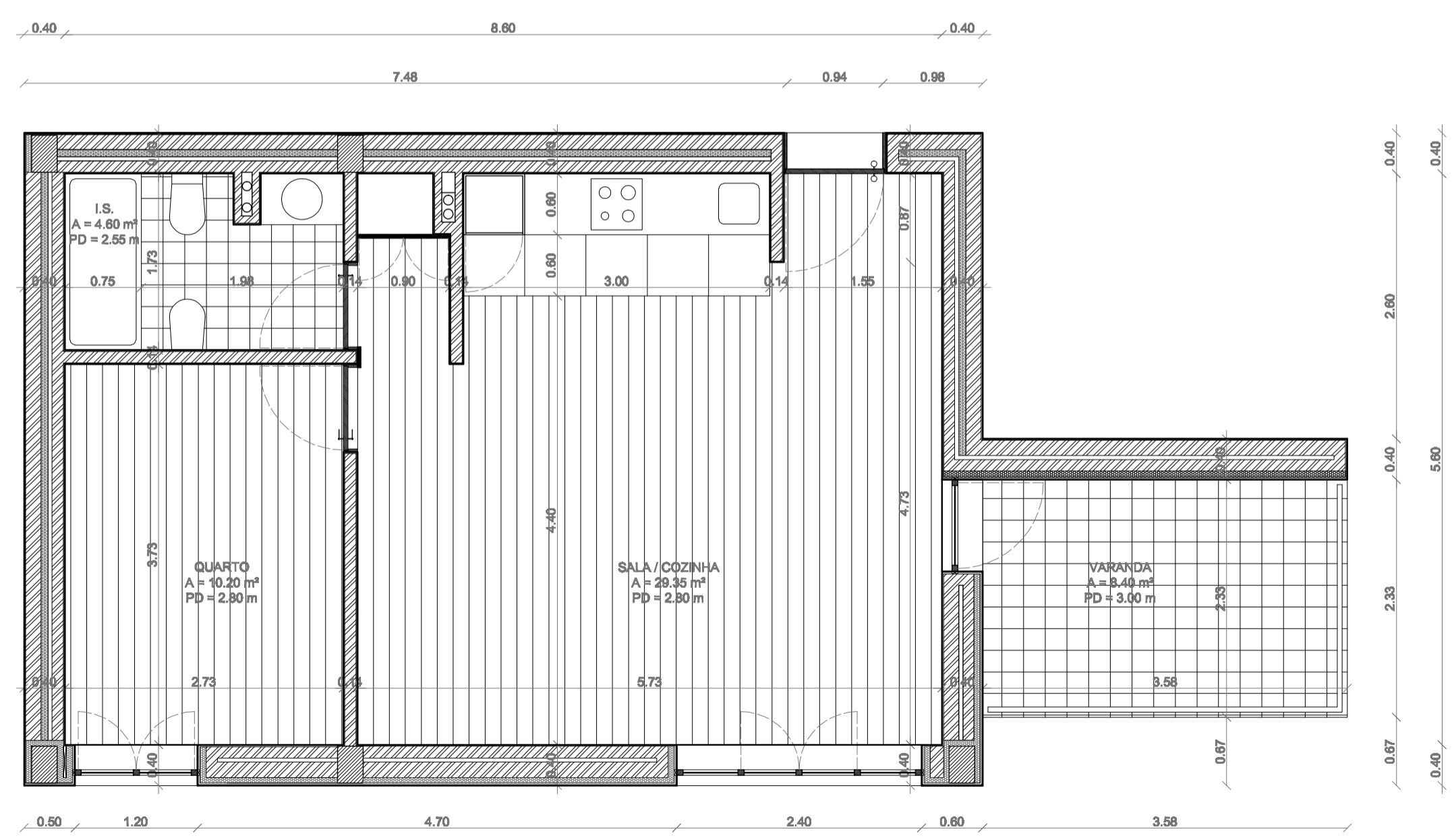
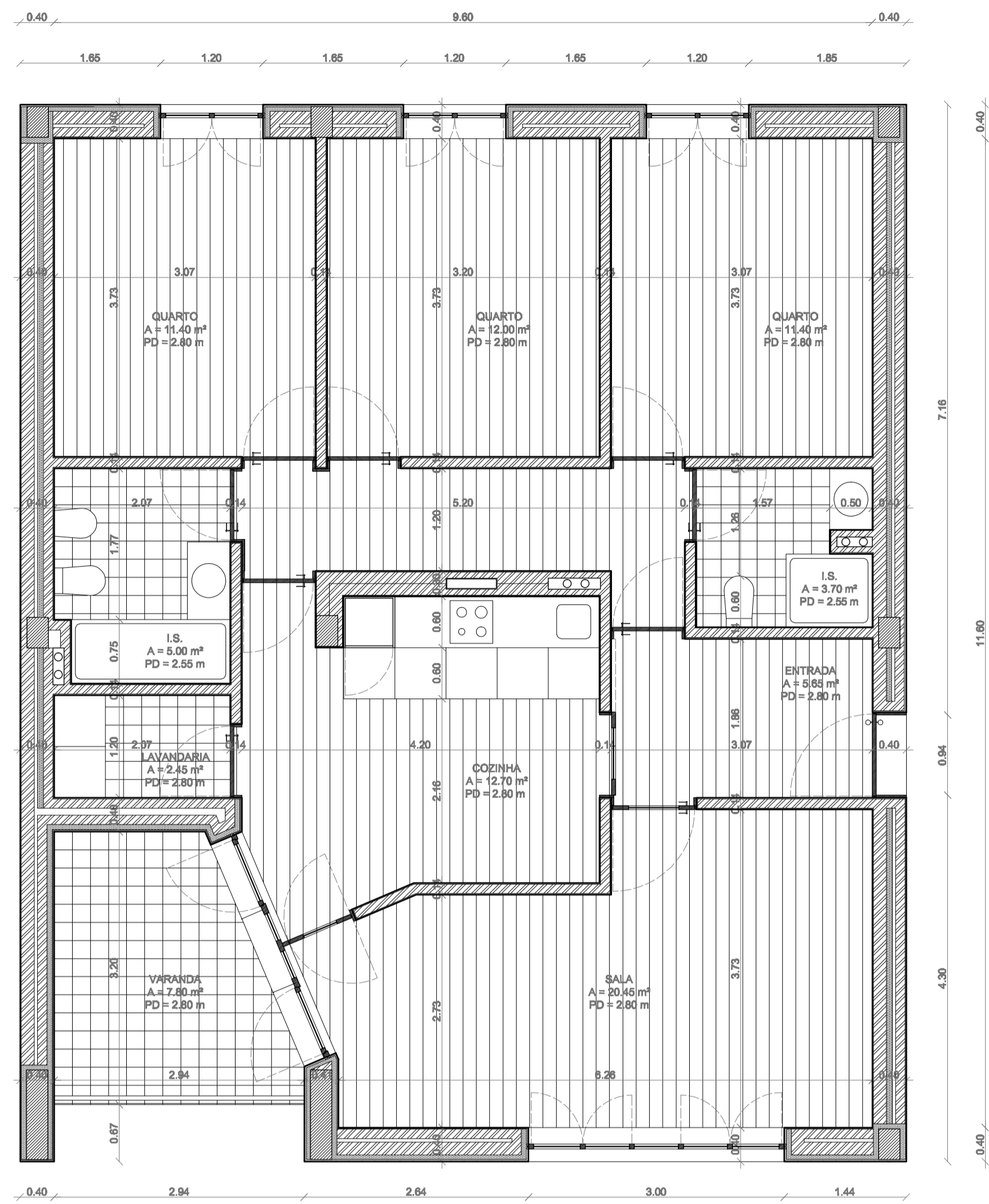




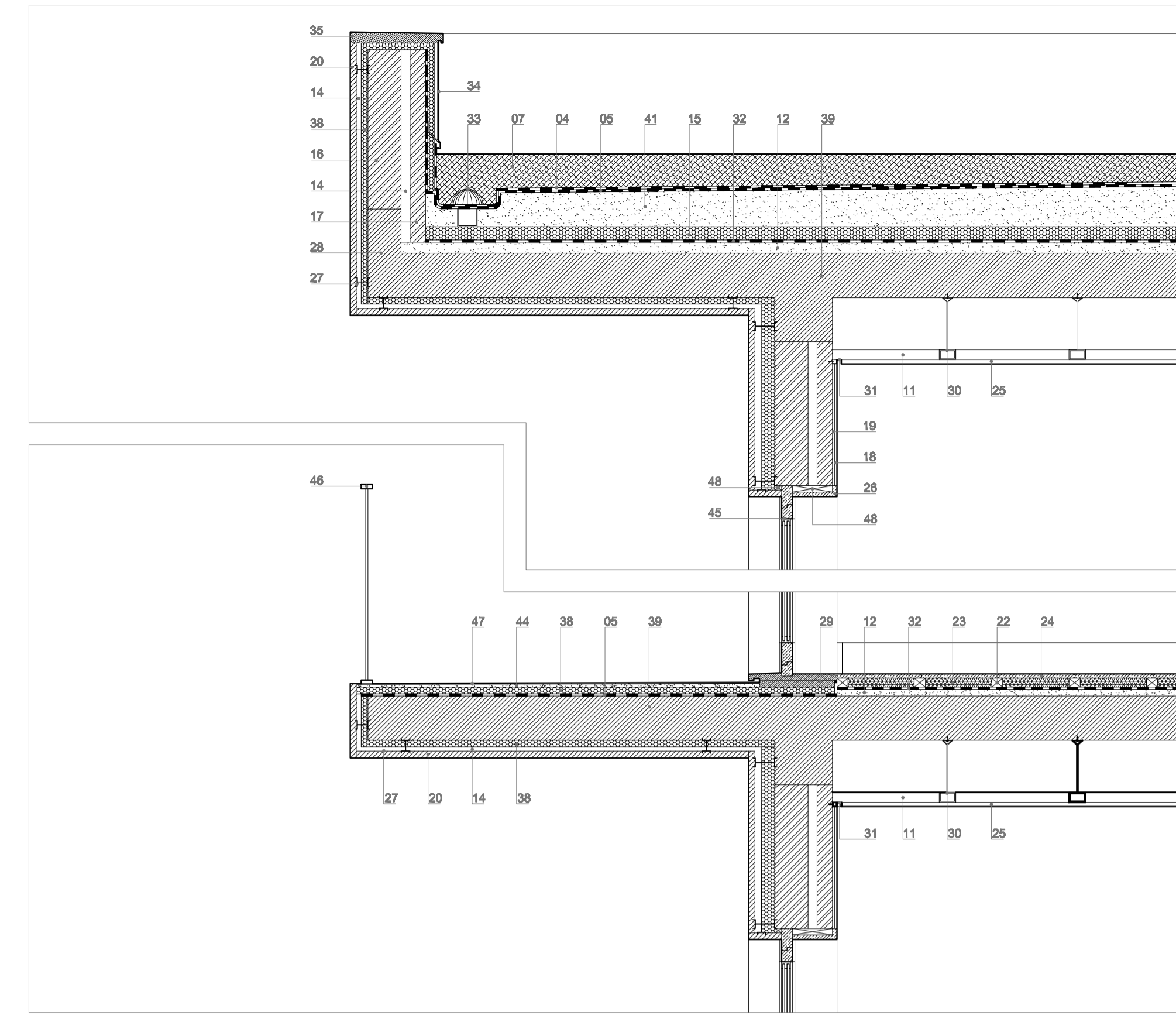












- LEGENDA:**
- 01. TERREMO COMPLETO
 - 02. ENCOIMAMENTO
 - 03. TOUT - VENTIL
 - 04. BANDEIRA DE VAPOR
 - 05. TELA IMPERMEABILIZANTE
 - 06. GEOTECNO
 - 07. BORDO RELIADO
 - 08. LAMINA DRENANTE
 - 09. LANTA DE FUNDAÇÃO
 - 10. TUBO DRENANTE
 - 11. CÂMARA DE FUNDAÇÃO
 - 12. ARMADURA DE REGULAZIÇÃO
 - 13. ARMADURA DE REGULAZIÇÃO COM ENCOIMADOR DE SUPERFÍCIE
 - 14. CAMADA DE AR
 - 15. ISOLAMENTO TÉRMICO EM POLIESTIRENO EXTRUDIDO COM 80 MM
 - 16. ISOLAMENTO TÉRMICO EM POLIESTIRENO EXTRUDIDO COM 80 MM
 - 17. TUDO COBRADO 05 CM
 - 18. BISTUQUE PINTADO COM TINTA ESMALTE AQUECIDO
 - 19. BORDO
 - 20. LAMELINA PNE-FABRICADA EM BETÃO AFIMADO
 - 21. LAMELINA DE PEDRA MOLDADE BORDADA AMACIADA
 - 22. BARRILHO DE MADEIRA
 - 23. LÁ DE BORDA
 - 24. BORDO DE MADEIRA
 - 25. TECTO SUPERIOR EM PAINES DE GESSO CORTADO
 - 26. MOLDAVA INTERIOR AMACIADA
 - 27. FIXAÇÃO METÁLICA (COM BUCHA QUÍMICA)
 - 28. LITEL EM BETÃO ARMADO
 - 29. SOLERA FLETOR EM PEDRA LOZ AMACIADA
 - 30. FIXAÇÃO DO TECTO SUPERIOR
 - 31. ALUETA METÁLICA
 - 32. BANDEIRA DE VAPOR
 - 33. RALO DE PNEVA
 - 34. RUIFO DE ZINCO
 - 35. PEDRA DE CAPEAMENTO LOZ AMACIADA
 - 36. AREIA
 - 37. TERRA BATIDA
 - 38. ISOLAMENTO TÉRMICO EM POLIESTIRENO EXTRUDIDO COM 80 MM
 - 39. LAGE MAÇOA EM BETÃO ARMADO
 - 40. BORDA EM MADEIRA MAÇOA
 - 41. CAMADA DE FORMA
 - 42. BETÃO DISCIPLINADO BARRADO E PINTADO A TINTA COM BASE DE BORDADA BASTÉCTICA
 - 43. AUTOMELANTE
 - 44. ARMADURA DE ARREBITAMENTO
 - 45. CAXILHO EM MADEIRA MAÇOA
 - 46. GUARDA EM AÇO GALVANIZADO
 - 47. MOLDAVO HORIZONTAL
 - 48. TRAVE EM MADEIRA
 - 49. PAREDE EM BETÃO ARMADO
 - 50. CULERA EM AÇO GALVANIZADO
 - 51. SAPATA DE FUNDAÇÃO

